



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA BIANCA DA SILVA SOUZA

EDUCAÇÃO HUMANIZADORA À LUZ DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

JOÃO PESSOA – PB
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA BIANCA DA SILVA SOUZA

EDUCAÇÃO HUMANIZADORA À LUZ DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba – UFPB,
como parte dos requisitos para obtenção do
grau de Licenciatura Plena em pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Catarina Carneiro
Gonçalves.

JOÃO PESSOA – PB
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729e Souza, Maria Bianca da Silva.

Educação humanizada à luz dos ensinamentos de
Jesus / Maria Bianca da Silva Souza. - João Pessoa,
2019.

68 f.

Orientação: Catarina Carneiro Gonçalves.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE/Pedagogia.

1. Humanização. 2. Educação para a Paz. 3.
Cultura de Paz. 4. Jesus como Educador Humanizado.
I. Gonçalves, Catarina Carneiro. II. Título.

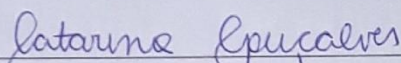
UFPB/BC

MARIA BIANCA DA SILVA SOUZA

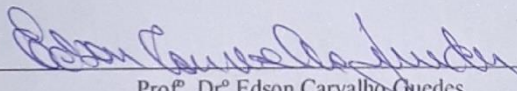
EDUCAÇÃO HUMANIZADORA À LUZ DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 25 / 09 / 2019.

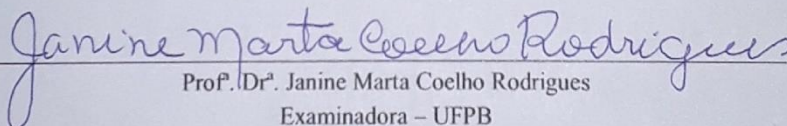
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Catarina Carneiro Gonçalves
Orientadora – UFPB



Prof.^o Dr.^o Edson Carvalho Quedes
Examinador – UFPB



Prof.^a Dr.^a Janine Marta Coelho Rodrigues
Examinadora – UFPB

Dedico primeiramente a Deus e a Virgem Maria, por terem sido para mim sustento em toda a minha graduação, assim como, em toda a minha vida.

Dedico também ao meu avô Sebastião Francisco da Silva (em memória), que acompanhou todo início da minha vida acadêmica e que hoje não está comigo para ver a conclusão dessa fase que só se inicia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por seu infinito amor que sempre me proporciona as experiências mais desafiadoras e felizes da minha vida. Sou grata por encontrar Nele toda a força necessária para permanecer firme nesse trajeto e vencer os obstáculos.

Sou Grata a doce e sempre Virgem Maria, por toda intercessão e cuidado por minha vida, não somente na vida acadêmica, mas em todas as áreas da minha vida. Todo mérito à minha mãezinha do céu.

Aos meus pais, Severino dos Ramos de Souza e Maria Betânia da Silva Souza, por me proporcionarem as oportunidades que nunca tiveram, mas sonharam em ter. É imensa a minha gratidão por me mostrarem sempre à importância do ato de estudar e lutar para ser alguém na vida. Por me ensinarem, desde criança, o caminho da honestidade, humildade, simplicidade, verdade e amor.

Aos meus irmãos José Sidney e Samuel, assim como, às minhas irmãs Maria Beatriz e Maria Suellen, por todo apoio no decorrer da minha vida acadêmica.

Aos meus tios e tias que sempre deram importância ao meu percurso acadêmico, me apoiando, me motivando com palavras de forças e ânimo.

Ao meu noivo, Claudemir de Assis Pereira, que acompanha toda a minha vida acadêmica, pelas orações, por todo amor expressado, através do saber me ouvir com paciência, das palavras de forças e de motivação. Pelos abraços que me fizeram descansar e renovar as minhas forças.

Ao meu querido e amado avô, Sebastião Francisco da Silva, pela simplicidade de viver a vida e usar das suas experiências para me ensinar a viver. Sou grata, pelo seu incentivo ao ato de estudar para ser alguém na vida. Nunca esquecerei suas palavras “estude minha filha, estude!”.

Ao meu Grupo de Oração Família Jesus é Vida que é para mim lugar de descanso. A Renovação Carismática Católica – RCC, que é o movimento que faço parte, por me proporcionar a maior experiência com o amor de Deus, assim como, todo o conhecimento adquirido durante todo o meu servir nesse movimento.

Meus amigos espirituais Sara Luize, Shirley Modesto, Magda da Silva, Joalison da Silva, Josimery Gracina, Suely Barbosa, Priscila, Celso Santos por serem tão

presente em minha vida e se preocupar com ela em toda integridade. Gratidão por me ouvirem e me aconselharem em meios às situações difíceis da vida acadêmica.

Aos meus amigos Valesca Nascimento, Jadiel Araújo, Givanildo Carvalho, Gabriel Carvalho, Felipe Nascimento, Denice Éllen, Neucilane Silva, Thiago Medeiros e Júnior Oliver que buscam viver a vida coerentemente, sempre acreditando num mundo melhor no qual o amor ao outro seja o motivo que mova a vida, me ensinando a acreditar que ainda há pessoas boas neste mundo e que sempre haverá. Gratidão pelas vidas de vocês que me ensinam a ser uma pessoa melhor.

A minha Orientadora Catarina Carneiro Gonçalves, por abraçar a temática do meu TCC comigo, por toda coerência de vida que me inspira, por todo sorriso acolhedor a cada vez que chegava ao seu ambiente para as orientações. Ah, o quanto esse sorriso me acalmava e me trazia paz. Gratidão por toda experiência e construção de conhecimentos juntas, como diz Comte-Sponville (2009, p.7), “se a virtude pode ser ensinada, como creio, é mais pelo exemplo do que pelos livros”. Obrigada por ser exemplo!

A todos os meus mais sinceros agradecimentos!

Estude neguinha para ser alguém na vida!
(Sebastião Francisco da Silva, meu avô).

*Quando o mar beija a areia deixa um
pouco de si e leva um pouco dela.
Diferentes, no pouco, eles se completam.
Entendem que amar não é viver de
igualdades, mas garimpar as diferenças.*
(Abner Santos).

RESUMO

Os contextos violentos que marcam a contemporaneidade evidenciam, sobremaneira, a urgência de projetos educacionais que se ancorem em práticas contrárias à violência, a partir de percursos que se fundamentem numa epistemologia que se configure em propostas de Educação para Paz que favoreça a humanização dos sujeitos. Nestes trilhos, o presente projeto objetivou compreender, a partir de um estudo bibliográfico, de que modos a pedagogia exercida por Jesus se apresentava, buscando identificar haver ou não nela elementos de uma educação humanizadora. Para tanto, o estudo propôs-se definir o conceito de uma educação humanizadora a partir de estudos teóricos freirianos e, ainda, de uma análise crítica da discussão acerca dos valores proposta por Comte-Sponville. Ambos os autores então fundamentaram os trilhos teóricos, evidenciando que o processo de humanização dos sujeitos apenas é possível de ser pensando no seio das relações sociais, a partir de situações de não dominação e de experiência de democracia evidenciada, além de outras questões, via diálogo. De acordo com a análise feita a partir da pedagogia de Jesus, utilizando, para isso, o evangelho de Mateus, Marcos, Lucas e João, identificamos que a pessoa de Jesus buscava ensinar aos seus discípulos e a todos que iam ao seu encontro a importância dos valores morais como princípios que são base para nortear uma vida pautada em convivência pacífica entre as pessoas. Para isso, fazia uso da reflexão, levando os sujeitos à reflexões em torno da empatia e de valores morais tais como o amor, a misericórdia, a humildade, o perdão, a compaixão assim como a empatia. Diante do estudo realizado, pode-se concluir que uma educação pautada na humanização pode contribuir para a construção de uma cultura de paz que venha a amenizar a cultura de violência presente em nosso dia-a-dia.

Palavras-chaves: Humanização. Educação para Paz. Cultura de Paz. Jesus como Educador Humanizado.

ABSTRACT

The violence in the contemporary context reveals an urgent need for educational projects guided by non-violent practices, through means that support the concepts of Education for Peace and that stimulates the humanization of the individuals. Through a bibliographical search in the gospels of Matthew, Mark, Luke, and John, this project aims to comprehend what was the pedagogy used by Jesus and verify whether it displays elements of a humanizing education or not. Therefore, this study presents a definition of the concept of humanizing education based on the theoretical studies of Freire and the analysis of a discussion of values raised by Comte-Sponville. Both authors point out that the humanization process can only be understood at the core of social relations, through situations of non-domination and underlined experiences with democracy, via dialog. According to the analysis of Jesus' pedagogy, we identified that he sought to teach his disciples and everyone who crossed his path the importance of moral values to lead a peaceful life. Thus, he assisted individuals in reflexions about empathy and moral values such as love, humility, forgiveness, and compassion. Due to the results of this study, one can reason that an education guided by humanization can contribute to a culture of peace, that may overcome the culture of violence of our daily lives.

Keywords: Humanization. Education for Peace. Culture of Peace. Jesus as a Humanized Educator.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CP – Cultura de Paz

MS – Ministério da Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CAMINHOS METODOLOGICOS.....	18
2.1 Tipo de pesquisa:.....	18
2.2. Fonte da coleta de informações:.....	19
2.3 Tipo de Análise:.....	20
2.4 Pré-análise:	21
2.5 Exploração do material:.....	21
3. CONCEITUANDO HUMANIZAÇÃO	23
4. HUMANIZAÇÃO: COMPREENDENDO O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA PAZ NOS PROCESSOS DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA.....	29
4.1 Como uma educação pode ser humanizadora?	42
5. JESUS É UM EXEMPLO DE UM EDUCADOR HUMANIZADO?	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
7. REFERÊNCIA.....	66

1. INTRODUÇÃO

Falar de uma educação humanizada, nos tempos atuais, é de grande relevância diante do cenário desumanizante na qual temos presenciado diariamente. Isso porque, cotidianamente enxergamos práticas de violência em contextos reais e, ainda, através dos meios de comunicação, que relatam cenas de horror das quais muitas pessoas são vítimas.

Compreendendo que esta violência se sustenta, entre outras variáveis, numa cultura que legitima o uso da força como poder, acreditamos que a desconstrução do cenário atual somente será possível quando construirmos, coletivamente, uma contra cultura através da qual a paz seja objeto de desejo e valor, construindo, portanto, o ato humanizador de viver a vida e conviver com os outros.

Compreendemos que a humanização é uma conquista que apenas ocorre no seio das relações interpessoais. Portanto, a educação pode ser um frutífero caminho para construção de práticas humanizadora, tendo como princípio o fato de na escola as pessoas trazerem em suas ações e característica que o identificam como uma pessoa singular, favorecendo a convivência com a diferença e o reconhecimento da alteridade.

Cremos, portanto, que a escola, pela natureza do objeto educacional, é um locus privilegiado para construção de uma ação humanizada, carecendo, portanto, de um projeto pedagógico que se sustente em práticas e valores que favoreçam a paz e as relações interpessoais.

Quais princípios então favoreceriam a educação para paz que, através de sua epistemologia, favorecesse a humanização do homem? Freire (2016; 2018) sustentaria sua discussão em torno de uma educação humanizada em cima do diálogo, discorrendo que uma educação apenas pode ser humanizadora quando ela enxergar os sujeitos e os valoriza.

Não é possível, para Freire (2016), que uma educação pautada em relações de dominação, tal como ele denuncia em *Pedagogia do Oprimido*, garanta a humanização das pessoas. De tal modo, ele valoriza o diálogo como central ao processo de uma educação humanizada, defendendo que esta prática é o caminho para equacionar as diferenças e, ainda, reconhecer o outro como sujeito de valor.

Além de Freire, outro autor que nos ajudou a compreender os processos de humanização direcionados a uma proposta de educação para paz foi Comte-Sponville (2009, p11). Segundo este filósofo, as virtudes constituem caminhos a serem

percorridos no sentido de alcançarmos patamares mais pacíficos de convivência. De acordo com ele, através das reflexões em torno das virtudes poderemos “compreender o que deveríamos fazer, ou ser, ou viver, e medir com isso, pelo menos intelectualmente, o caminho que daí nos separa”.

Ainda de acordo com Sponville, há virtudes centrais ao processo de humanização, sendo elas, a empatia, a compreensão, a justiça, a generosidade, a fidelidade, a compaixão, a misericórdia e o amor. Para ele, estas virtudes precisam constituir o ser humano em sua integralidade, a partir do que se popularizou em nomear de princípios éticos e morais.

As virtudes, portanto, não dizem respeito ao processo de individualização do sujeito, mas, sim, ao seu processo de ser coletivo, social. Isso porque, apenas se é justo, generoso, misericordioso, entre outros, nas relações que estabelecemos conosco e com os outros, tendo, então, a necessidade da convivência social para que as virtudes possam ser expressas em ações e relações.

Todo ser humano precisa de valores que os levem a agir de determinada forma. Estes valores, alguns expressos em morais, podem guiar a ação humana em direção a uma cultura de paz imersa em sua humanização. Infelizmente, nem todos os seres humanos estão humanizados, como podemos erroneamente acreditar. Para algumas pessoas os princípios que norteiam suas vidas é o da violência e/ou dos valores estéticos, acreditando que, por exemplo, ter poder e riqueza é mais importante do que ser justo e generoso.

Compreendendo que os valores que nos regulam constroem em nós formas de ser e estar no mundo, defendemos que se quisermos que as realidades de violência venham a mudar (reduzir) será preciso reavaliar em que princípios estão pautados as variadas formas de viver e, ainda, os valores que são centrais em nossa sociedade.

Por isso, a temática de uma educação humanizada: a luz dos ensinamentos de Jesus é de grande relevância, pois no leva a refletir sobre os princípios éticos e morais que são necessários para vida humana, assim como, percebermos que lugar ele tem ocupado em nossas existências. Destacamos que, neste estudo, que Jesus não é visto no sentido religioso, mas, sim, como uma pessoa que trás em suas ações exemplos de humanização que está expresso e difundido em nossa história.

O interesse por essa temática surgiu a partir da participação no VIII Seminário de Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade em Fortaleza no ano de 2017, onde um palestrante questionava a plateia a respeito do por que não utilizarmos nas escolas a

pessoa de Jesus como um exemplo de pessoa para nós. O questionamento feito naquele dia, fez com que se tornasse a temática do meu Trabalho de Conclusão de Curso agora apresentando, inquietando-me a pensar como esta relação entre Jesus e Escolarização poderia ter sido feita.

Deste modo, a pesquisa em questão busca apresentar contribuições para a construção de um meio social mais humanizado, principalmente as escolas, nas quais as relações de poder e de violência são tão impregnadas nas relações com os pares, fazendo uso dos exemplos humanizados trazidos por Jesus.

Sim, podemos nos questionar se apenas o exemplo seria capaz de favorecer a humanização. A este respeito concordamos com Comte-Sponville (2009) quando destaca que a virtude é mais ensinada pelo exemplo do que pela palavra. Mas, ainda, continuamos a dialogar com o autor quando destaca: a virtude é o esforço para se portar bem, que define o bem nesse próprio esforço. Por isso, para querer se portar bem é preciso, então, saber o que é o bem. Deste modo, o exemplo pode ser uma forma de saber o que estar por vir a ser.

Sim, certamente não estamos falando de todas as virtudes, mas, somente daquelas nomeadas como morais, justamente por serem estas que fazem um homem parecer mais humano ou mais excelente no sentido de bem viver com os outros homens em espaços de coletividade.

Esta humanização não é inerente aos sujeitos. Ela se dá no ato de saber se relacionar com as pessoas de forma empática, reconhecendo que além das diferenças há um ser humano que precisa ser compreendido, assim como que precisa de amor e de ajuda. Pois nessa vida necessitamos uns dos outros. Todavia o ser humano não nasce humanizado, mas se torna humano através do relacionamento com os pares e das reflexões que favoreçam o bem viver.

Para favorecer estas reflexões, utilizamos a pessoa de Jesus e seus ensinamentos para nos referirmos a uma educação humanizada, porque ele traz em seus traços e ações documentadas em textos publicados, atitudes e ações nas quais estão presentes as características já citadas das virtudes morais. Assim, analisamos ações desta pessoa tão conhecida e respeitada por muitos, trazendo através da interpretação de escritos que relatam ações humanizadas reflexões que favoreçam a formação de seres humanos melhores para si mesmos e para os outros. Ou seja, um ser humano humanizado.

Com isso, recorrendo aos princípios epistemológicos da Pedagogia Freiriana e da Filosofia de Comte-Sponville, faremos a análise dos Evangelhos publicados na

Bíblia. Este livro, também conhecido como o das Sagradas Escrituras, traz a pessoa de Jesus sempre envolta às multidões, evidenciando ampla liderança humanizada expressa em seus modos de ser e agir. Exemplos recorrentes são sua vasta capacidade de dialogar com as pessoas, independentemente de serem poderosos abastados ou pobres e excluídos.

Ademais, escolhemos esta pessoa como exemplo de humanização por considerarmos que seus discursos apresentavam ancoragem em virtudes morais que favoreciam a paz, ancorando suas palavras em valores como o amor, a justiça, e a misericórdia.

No que concerne a ação moral, Jesus também difundia a paz ao buscar ajudar o próximo numa prática de generosidade. Isso porque, independentemente de que o movesse a agir, Jesus atuava, como destaca Sponville, sempre como se amasse.

O que mais atrai a minha atenção para a pessoa de Jesus é que ele usava da realidade de vida daquelas pessoas para ensiná-las, considerando e respeitando suas singularidades. Pois entendia que usando das realidades daquele povo seria mais fácil fazê-los entender o que ele queria ensinar. Não seria esse um jeito humanizado que tanto Paulo Freire fala em seus livros sobre uma educação que não exclui a realidade do aluno, mas usa desses conhecimentos prévios e das realidades de cada ser para tornar mais compreensível aquilo que se almeja ensinar?

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é compreender o conceito de humanização e como o ser humano se humaniza no decorrer de sua vida, assim como entenderemos como a educação pode contribuir para o rompimento da violência através de uma cultura de paz. Deste modo, a pergunta central deste estudo é: Por que Jesus é um exemplo de um educador humanizado?

A pesquisa segundo os objetivos já apresentados é de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, no qual tem seu campo de coleta de informação a Bíblia, onde serão analisados – através da análise de enunciação (BARDIN, 1997) – alguns trechos dos quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João).

O texto está organizado em seis capítulos: O primeiro é a introdução onde está presente a importância da temática desse TCC, assim como, os objetivos da pesquisa; o segundo capítulo é dedicado ao caminho metodológico da pesquisa; o terceiro capítulo trata-se do conceito de humanização, através do conceito de desumanização; o quarto capítulo aborda a humanização buscando compreender o papel da educação para paz

nos processos de enfrentamento da violência; no quinto capítulo apresentamos as discursões e resultados; e o sexto e último capítulo trata-se das considerações finais.

2. CAMINHOS METODOLOGICOS

O presente trabalho tem como objetivo compreender se Jesus apresenta em suas ações exemplos que o leve a considerar como uma humanizada. Diante disto, neste capítulo, iremos apresentar os métodos que foram utilizados para realizar a pesquisa, assim como, o instrumento utilizado para interpretação dos textos bíblicos e o tipo de análise.

Na pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, que segundo Gonsalves (2011, p. 70) “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Bardin (1977, p.14) apresenta essa hermenêutica, como “a arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos” que é tida como uma prática muito antiga.

Segundo Creswell (2007, p.186) a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados, o que inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado.

2.1 Tipo de pesquisa:

A pesquisa aqui apresentada, de natureza qualitativa, apresenta a abordagem do tipo bibliográfico que segundo Gonsalves,

A pesquisa bibliográfica é caracterizada pela utilização de fontes secundárias, ou seja, pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa. Na pesquisa bibliográfica o pesquisador vai se deparar com dois tipos de dados: aqueles que são encontrados em fontes de referência (dados populacionais, econômicos, históricos etc.) e aqueles dados especializados em cada área do saber, indispensáveis para o desenvolvimento da sua pesquisa (2011 p.36-37).

Neste sentido, optou-se por uma pesquisa bibliográfica no intuito de explorar o conceito de humanização, principalmente na realidade atual em que vivemos, assim como compreender como o ser humano se torna humanizado e como a escola pode

contribuir para que essa humanização se concretize na prática para o rompimento de uma cultura de violência por meio de uma cultura de paz fundamentada em ações humanizadas.

A escolha da pessoa de Jesus como um exemplo de pessoa humanizada se deve ao fato de reconhecermos que é um ícone tanto por aqueles que acreditam em sua existência como pelos que não acreditam.

Ainda, fizemos esta escolha por encontrarmos nos relatos de vida pública de Jesus passagens que nos permitem categorizar suas ações no escopo do que a literatura da área tem nomeado como práticas educativas humanizadas.

2.2. Fonte da coleta de informações:

O campo de coletas de dados é a Bíblia, conhecida também como sagradas escrituras. A bíblia tem várias versões de acordos com as denominações. A que iremos utilizar para obtenção da coleta de dados é a Bíblia Ave Maria em sua edição 208°. A sagrada escritura é dividida da seguinte maneira: Pentateuco; Livros Históricos, Sapienciais, Proféticos; Evangelhos; Cartas Paulinas; Cartas Católicas e o Livro do Apocalipse, isso na tradução Católica.

Destacamos que, neste estudo, concordamos com Lima (2015) quando destaca que a bíblia não precisa ser lida, exclusivamente, com caráter religioso, mas, sim, possibilitando compreender o mundo e formas como as pessoas agem e pensam.

Apresentei essa divisão da Sagrada Escritura para deixar explícito que para analisar Jesus com um exemplo de pessoa humanizada será utilizado apenas os Evangelhos. Escolhemos esta parte da bíblia por ser nela expressa toda a vida pública de Jesus desde o seu nascimento até a sua morte e ressurreição. Para os cristãos os Evangelhos é o coração da Bíblia, pois está no meio, isto é, entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

No antigo Testamento relata a história de um povo que espera o cumprimento das promessas, nos Evangelhos que são quatros (Mateus, Marcos, Lucas e João) relata o cumprimento das promessas por meio da pessoa de Jesus, e o Novo Testamento relata à história de um povo que dará continuidade a missão deixada por Jesus.

É importante ressaltarmos quem era esses evangelistas: 1) Mateus – era coletor de imposto em Cafarnaum, na Palestina (Mateus 9,9); 2) Marcos – era filho de Maria que em cuja casa se reunia os primeiros cristãos de Jerusalém onde foram se refugiar o

próprio Pedro após a prodigiosa do cárcere. Marcos, Hebreu de origem, nasceu provavelmente fora da Palestina, de uma família abastada; 3) Lucas – era médico, (Colossenses 4, 14), e em seus inscitos Lucas descreve um Jesus que se preocupa com o cuidado e a salvação das mulheres; 4) João – era pescador, nasceu em Betsaida e ocupou um lugar de primeiro plano entre os apóstolos.

Quando Jesus os evangelistas para que fossem seus discípulos, não renegou suas habilidades, mais utilizou delas como instrumentos de evangelização. Valorizando suas potencialidades, dentro de um contexto justo e honesto, pois o próprio Mateus não exercia sua função honestamente. E após se tornar discípulo de Jesus, em seus inscitos começa a conscientizar as pessoas a respeito das riquezas que elas possuem, e o uso contrario desses bens.

Mediante a isto, serão utilizados alguns versículos bíblicos dos Evangelhos para serem analisadas especificamente a conduta de Jesus diante das situações que lhes eram apresentadas e como ele agia diante delas.

2.3 Tipo de Análise:

Os textos serão analisados a partir da análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p.9), “é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se ampliam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Nesse caso, os conteúdos analisados serão os trechos bíblicos em busca de características de uma pessoa humanizada nas ações de Jesus no relacionamento com os pares. Buscando compreender a mensagem que o mesmo quer apresentar aos leitores da sagrada escritura.

No que concerne ao tipo de análise de conteúdo, faremos uso do tipo da análise da enunciação. Segundo Bardin (1977, p.170) a análise da enunciação assenta numa concepção do discurso como palavra em ato. A análise de conteúdo clássica considera o material de estudo como um dado, isto é, como um enunciado imobilizado, manipulável, fragmentável. Ora, uma produção de palavra é um processo. A análise da enunciação considera que na altura da produção da palavra, é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações.

Partindo desse pressuposto foram realizadas, a pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações.

2.4 Pré-análise:

Na pré-análise foram realizadas as leituras dos livros *Pedagogia do oprimido* – Paulo Freire (2016); *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* – Paulo Freire (2018), para a compreensão de uma educação humanizada. Assim como o artigo *Educação para a paz Segundo Paulo* – Araújo Freire (2006). Esse material foi utilizado porque Freire é tido como o autor clássico de uma educação que tem como princípio a humanização.

Foi realizada a leitura do *Atlas da Violência 2018* – Cerqueira, para obtenção dos dados de violência no Brasil, pois a abordagem do terceiro capítulo é o conceito de humanização através da conceituação do que é desumanização por meio do cenário de violência atual que vivemos.

Foi utilizada a obra do filósofo Comte – Sponville, *Pequeno Tratado das grandes virtudes*, para apresentar as virtudes nas quais os seres humanos vão construindo características de uma pessoa humanizada. A leitura do livro *Organização e gestão escolar teoria e prática* – Libâneo (2004) foi utilizado juntamente em relação aos escritos de Freire mostrar como deve ser a estrutura de escola que está fundamentada numa concepção humanizadora e democrática.

Foi também utilizada a leitura do livro *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas* – Milani e Jesus (2003), para apresentar característica de uma educação voltada para a cultura de paz rompendo com as violências e instruindo as pessoas a resolverem as situações complexas de formas pacíficas.

Por fim, foi realizada a leitura dos textos bíblicos relatados nos evangelhos para serem analisados de acordo com todo o referencial teórico construído a respeito da humanização para que assim fosse analisada a postura de Jesus diante das situações que lhe apresentadas identificado às características de uma pessoa humanizada.

2.5 Exploração do material:

As leituras dos Evangelhos foram realizadas no decorrer de minha vida como cristã, todos os dias faço a leitura de algum capítulo ou alguns versículos. Todavia eu não os li na sequência apresentado na Bíblia (Mateus, Marcos, Lucas e João). Iniciei a exploração dos Evangelhos a partir de João por ser o que eu mais gosto, seguidamente fiz o estudo do Evangelho de Lucas, seguidamente Mateus e Marcos. Esses estudos

foram realizados com um grupo de estudo católico que faço parte, no qual estudamos detalhadamente cada livro bíblico.

E por ser um estudo detalhado, leva aproximadamente um mês para cada Evangelho. Pois no estudo observamos o contexto da situação do texto bíblico, o que ele quer nos ensinar através das situações problemas. Por isso que o estudo é um pouco extenso.

Após as leituras percebi que havia relatos em que, um evangelista escrevia uma situação e outro evangelista ressaltava em seus escritos (a mesma passagem bíblica dita por outro evangelista com poucas alterações nas palavras). E isso ajudou nas escolhas dos escritos para serem analisados.

Diante disto, usei alguns critérios pessoais para a escolha dos trechos dos evangelhos, sendo eles: 1) situações no qual as pessoas iam até Jesus reconhecendo-o como mestre; 2) ações na qual Jesus não fazia acepção de pessoas, colocando todos em par de igualdades; 3) situações em que Jesus ensina a importância das virtudes de modo simples e objetivo. Proporcionando as pessoas a sua volta refletirem sobre o quão importante é os princípios e virtudes para a nossa vida e para o relacionamento com os pares.

Mediante a isto, a parte da análise referente ao tratamento dos resultados e suas interpretações será apresentada no quinto capítulo referente aos resultados.

3. CONCEITUANDO HUMANIZAÇÃO

As relações interpessoais, na contemporaneidade, estão marcadas por convivências permeadas de conflitos e violências. No Brasil, especificamente, os índices de violência geram pânico coletivo, construindo no imaginário social um grande medo, sobretudo porque as diversas violências atingem a dignidade das pessoas e, inclusive, põem fim a um alto número de vidas.

Segundo o Atlas da Violência no Brasil publicado recentemente,

Em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, segundo informações do Ministério da Saúde (MS). Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortos para cada 100 mil habitantes, que corresponde a 30 vezes a taxa da Europa. Apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil. (CERQUEIRA, 2018, p.3).

As estatísticas apresentadas evidenciam os alarmantes índices de violência, sobretudo quando comparadas a outros países. De acordo com Cerqueira, “o Brasil, lamentavelmente, entra sempre na lista das nações mais violentas do planeta”. (2018, p.15), o que faz com que esse imaginário do medo assuma contornos cada vez mais impactantes.

Diante desta constatação, muitas questões nos surgem: Qual a natureza do comportamento violento? O que tem levado os seres humanos a agirem de forma tão desumana uns para com os outros? Por que, em nosso país, a violência tem sido um fenômeno tão recorrente?

Tais questionamentos dialogam, então, com a compreensão de que a violência é um fenômeno multifatorial e, portanto, demanda de análises complexas. Ainda, compreendemos que a violência, sendo multifatorial, não é algo inerente ao sujeito, de modo que ninguém nasce violento. Com isso, dialogamos com Debarbieux (2002), quando nos diz que a violência é construída e, portanto, pode ser desconstruída. Assim, corroboramos, também, com Bond (2010), quando afirma que a mesma sociedade que inventou a violência é capaz de inventar a paz.

Tais autores, então, nos ajudam a compreender a noção de que a violência não é produto da gênese dos sujeitos (herança genética), mas, sim, uma moléstia que se origina nas relações, sustentando-se em paradigmas sociais e culturais.

De tal modo, percebe-se, então, ser necessário a construção de paradigmas que, por exemplo, sustentem a paz como um princípio relacional. Para que a paz seja tratada

como central nos processos formativos, caminhos epistemológicos têm sido construídos, dentre eles, a discussão em torno da educação em direitos humanos e da educação para paz. Dialogando com tais pressupostos teóricos nos indagamos: como podemos formar homens e mulheres amparados em valores humanos, contrários à violência, em suas constituições indenitárias? O que leva sujeitos a adotarem condutas humanizadas em suas relações, mesmo interagindo em cenários sociais marcados pela violência, como ocorre em nosso país?

Justamente compreendendo que há pessoas que, mesmo vivendo em espaços de violência, assumem posturas pacíficas e solidárias nos interessou compreender especificidades desta formação de ser que nomeamos, neste trabalho, de natureza humanizada. Isso porque, do mesmo modo que defendemos a tese de que ninguém nasce violento, defendemos, também, o fato de que a construção de uma identidade pacífica é, também, produto das diversas interações que o sujeito constrói ao longo da vida e das representações que ele faz destas interações.

Dentre os exemplos de pessoas humanizadas destacamos aquelas que, ao longo da história mundial, receberam o Prêmio Nobel da Paz. Este prêmio tem por objetivo valorizar pessoas que promoveram ações humanizadas para com a sociedade em geral, favorecendo a construção de uma cultura de paz para um amplo número de pessoas. De acordo com Rabbani (2003) em 1900, o químico Alfred Nobel criou o prêmio Nobel, dedicando-o às pessoas em todo o mundo que mais trabalharam pela paz internacional.

Entre os que já foram premiados estão: Madre Teresa de Calcutá em 1979 que recebeu este prêmio por ser missionaria da caridade; Nelson Mandela premiado em 1993 por sua luta contra o regime de segregação racial; Barack Obama em 2009 pelos seus esforços direcionados à redução dos ataques de armas nucleares; Malala Yousafzai premiada em 2014 por lutar pelos direitos das mulheres ao estudo.

Em comum todas estas pessoas trazem em suas ações a questão da coletividade, compreendendo que a paz mundial apenas será possível quando olharmos o mundo de uma maneira integrada. Estas pessoas compreendem o postulado freiriano que afirma que “os homens humanizam-se, trabalhando juntos para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistenciam em liberdade” (FREIRE, 2016, p.51).

Ora, o que Freire anuncia como fundamental para construção de uma cultura de paz é que sejamos livres para vivê-la, compreendendo que esta experiência apenas será possível numa coletividade (e numa sociedade mais justa) marcada pelo respeito às diferenças e pela adoção do princípio da alteridade.

Justamente por isso compreendemos que a educação, como ato de formação necessariamente coletiva, pode ser um caminho para o enfrentamento da violência, adotando em seus pressupostos a criação de uma cultura de paz. Segundo Rabbani (2003, p.73) “uma educação para a paz passa a ser aquela que permite às pessoas descobrirem as estruturas violentas e as prepara para a ação transformadora”. Ou seja, é urgente pensarmos numa perspectiva educacional que reconheça a violência e, no sentido de enfrentá-la, parta de sua criticidade.

Tal forma de pensar a educação para paz corrobora com Paulo Freire quando destaca que nos processos de humanização urge pensarmos na consciência crítica, considerando que para viverem em paz os sujeitos precisam se dar conta da violência que vivem e que, em boa parte das vezes, está inconsciente. Ou seja, a humanização se dá, em primeiro lugar, por meio da mudança da percepção do mundo opressor e pela expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora (FREIRE, 2016).

Ou seja, o que Freire nos chama atenção é para o fato de que há uma cultura opressora (que é algo estrutural) na qual a violência ganha valor e, para o enfrentamento do problema é preciso construir uma paralela cultura de paz, a qual somente será possível através de um processo de tomada de consciência do mundo violento no qual estamos imersos e, ainda, do desejo de mudar.

Neste sentido, indagamos: seria humanização um caminho para que diminuísse os casos de violência através do estabelecimento de uma cultura de paz? Para tanto precisamos compreender o que entendemos como humanização, reconhecendo que esta não é uma qualidade de todo e qualquer ser humano.

As ações humanas de preconceito, de desigualdade, de autoritarismo, de discriminação, de imposição ao outro são práticas desumanas que estão presentes no nosso dia a dia e, portanto, contrárias àquilo que nomeamos de ações humanizadas. Entretanto, o que seria a humanização?

Conceituar a palavra humanização não é uma tarefa fácil. Todavia, partimos do princípio que ela é construída no decorrer de nossas vidas e que possui como princípio ético o postulado de que é algo que se ancora em relações coletivas, respeitadas e justas. Ninguém nasce humanizado, mas torna-se humanizado na relação com os pares num âmbito de igualdade, respeito e justiça. E talvez você se questione o porquê no âmbito de igualdade?

Porque onde há uma prática de superioridade gerada pelos títulos acadêmicos, dinheiro ou qualquer outra forma de poder não poderá haver humanização, já que o desequilíbrio de poder é, pela sua natureza, uma violência simbólica e estrutural.

Em contrapartida, a humanização acontece quando entendemos que todos que têm algo a nos ensinar, têm direito à dignidade e, ainda, possuem igualdade de direitos. A desumanização está relacionada ao uso desequilibrado de poder, tanto intelectual quanto institucional ou do capital. Todavia o que muitos desprezam é que ninguém sabe tudo, e que todos trazem consigo uma riqueza de conhecimentos que o outro não tem mais que pode conhecer no relacionamento com os pares.

Um exemplo claro disso é o diálogo a seguir:

Primeira pergunta:

- Que significa a maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei meu primeiro gol.

- Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim – disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão.

- Que é a curva de nível?

Não soube responder. Registrei um a um.

- Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

- Para que serve a calagem do solo?

Dois a dois.

- Que é um verbo intransitivo?

Três a dois.

- Que relação há entre curva de nível e erosão?

Três a três.

- Que significa epistemologia?

Quatro a três.

- O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegarem a dez a dez...

Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. (FREIRE, 2018, p. 66-67).

O diálogo apresentado por Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 2018) nos mostra que há saberes diferentes, que são adquiridos nas diversas realidades em que os indivíduos vivem. E se o princípio do poder é o conhecimento, estamos, nesta perspectiva, em par de igualdades, com conhecimentos prévios diferentes. Entretanto, no contexto pós-moderno há saberes que, na hierarquia social, possuem mais prestígio e, portanto, mais poder perante outros.

Justo por isso urge pensarmos numa formação humanizada na qual as diferenças sejam vistas como diferenças e não desigualdades. Por isso, quando o ser humano entende que estamos sempre vivenciando um grande processo de aprendizagem, e é nessa relação com os sujeitos se constituem, ele tende a caminhar rumo a humanização.

Entendendo que possuímos saberes diferente e descontruindo a relação de poder com base no conhecimento, podemos dizer que a comunicação é essencial para o processo de humanização, pois é por meio dela que podemos ouvir o outro, dialogar, e se construir juntos. Uma vez que, se não nos ouvirmos como iremos nos compreender?

Leonardo Boff no prefácio do livro *Pedagogia da Esperança* nos diz que:

Toda a pedagogia de Paulo Freire é uma permanente dialogação entre si e de todas com a realidade circundante em vista de transformação. Destarte se forma a comunidade na qual todos, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história. (2018, p.9).

Sabemos que o conhecimento não é a única forma de desequilíbrio de poder. Há, certamente, o desequilíbrio social, o financeiro, o estético, entre outros. Entretanto, quando pensamos nas práticas educacionais, o conhecimento é o distintivo de poder mais presente e, portanto, o que mais precisa ser refletido quando pensamos numa educação para uma cultura de paz.

Desse modo, o diálogo (a comunicação) é uma das características principais das relações humanas que precisa ser exercitado numa educação para paz que esteja marcada, ela própria, de características pacíficas. A compreensão de um sujeito para com o outro passa pelo diálogo, sendo, através dele, construída a capacidade de perceber e respeitar as diferenças.

O conhecimento de si mesmo e do outro gera um processo de construção do indivíduo e transforma as realidades. Freire (2016, p.39) enfatiza que “com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”. Sendo assim, todos nós temos algo a aprender com o outro e essa aprendizagem propõe uma construção coletiva da história que se instaura, necessariamente, via diálogo e interação.

No contexto atual, percebemos a ausência desse necessário diálogo, sobretudo no sentido de saber ouvir o outro, respeitando-o e compreendendo-o. Essa dificuldade se sustenta, sobretudo, numa característica de aceleração contemporânea, que nos impede

de conseguir olhar nos olhos do outro e perguntar como ele estar. Mais ainda, de sentir o que ele sente e, ainda, de colocar-se em seu lugar. Com isso, o ser humano tem assumido formas de se comportar e interagir que o aproxima de “uma máquina” e seus sentimentos e afetos têm sido ceifados diante das situações diárias da vida.

Tal realidade compromete nosso processo de humanização, posto que, é no convívio com o outro que nos tornamos humanos e, conseqüentemente, a ausência desse convívio pode nos tornar desumanos. Segundo Freire (2016, p.20), “a humanização, é entendida como a vocação dos homens. Mas, esta vocação estaria sendo negada “na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores”. Todas as vezes que somos incompreensíveis, agindo de forma injusta, estamos, nesta ótica, sendo desumanos.

O caminho da superação daquelas práticas está na superação da ideologia autoritariamente elitista; está no exercício difícil da virtude da humildade, da coerência, da tolerância, por parte do ou da intelectual progressista. Da coerência que vá diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos. (FREIRE, 2018, p.111).

Com isso compreendemos que para nos humanizarmos precisamos, então adotarmos uma postura ético-filosófica amparada nas virtudes necessárias ao convívio respeitoso, a justiça e a solidariedade. Este processo de humanização, então, demanda interação, sobretudo quando concordamos com Comte-Sponville (2009, p.7), quando nos afirma que “a virtude pode ser ensinada, como creio, é mais pelo exemplo do que pelos livros”. Com isso, precisamos discutir quais as virtudes necessárias ao processo de humanização dos homens.

Não podemos pensar em práticas humanizadas com as pessoas desejando estar sempre acima uma das outras, reproduzindo o modelo social de dominador e dominado vigente. Romper com a lógica dominadora exige de nós uma coerência de vida pois, muitas vezes, o nosso discurso não condiz com nossa prática, e isso faz com que percamos a credibilidade de sermos ouvidos ao nos relacionarmos com os outros.

Ainda, há também os casos em que discursos e práticas se distanciam enormemente das virtudes morais necessárias ao processo de humanização do homem, adotando formas de pensar e agir no mundo que se centram em valores puramente estéticos e individualistas, favorecendo a violência e o desrespeito ao outro.

4. HUMANIZAÇÃO: COMPREENDENDO O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA PAZ NOS PROCESSOS DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA.

No terceiro capítulo percebemos o quanto as ações desumanas estão presentes no nosso dia a dia de maneira a causar um pânico coletivo, construindo, no imaginário social, um grande medo social. Partindo desse pressuposto, e, ainda, da tese de que ninguém nasce humanizado, mas, sim, torna-se humanizado, pretendemos nesse quarto capítulo apontar alguns pontos que nos elucidam a questão de como podemos caminhar em direção a esse ser humanizado via educação.

Freire (2018, p. 45) enfatiza que “ninguém chega a lugar nenhum só, muito menos ao exílio”. É relacionando-se com os pares que se constrói um caminho de humanização, pois cada indivíduo tem suas diferenças, e conviver com elas nem sempre é fácil. Mas não seria convivendo com os aspectos que para mim são incômodos que estaríamos nos construindo como seres humanos? Respeitando as diferenças e convivendo com o diferente levando em consideração o que o outro tem para me ensinar com sua diferença? Cortella e La Taille (2009) nos chamam atenção para o fato de que no processo de constituição identitária, no qual a humanização pode passar a fazer parte, precisamos tratar e reconhecer o outro como outro e não como estranho. A este princípio relacional damos o nome de alteridade.

Identificamos que, de modo geral, o sujeito contemporâneo apresenta dificuldades em ser contrariado, questionado. Se observarmos o cenário atual da nossa sociedade perceberemos isso, pessoas que lutam pela democracia, mas que não respeitam as diferenças alheias. Seres humanos que se distanciam dos outros por pensar de modo diferente e não suportarem a convivência com o que é divergente. O que nos distancia uns dos outros não são apenas as diferenças, mas sim, a incapacidade de entender que o diferente tem algo a nos ensinar e que não somos donos de toda a verdade. Temos dificuldade, sobretudo, de compreendermos em nossas identidades morais o princípio da alteridade e o valor da heterogeneidade. Mais ainda, de reconhecer o respeito mútuo como balizador das relações.

Sobre isso, o apóstolo Paulo descreve - na sagrada escritura - para explicar ao povo de Corinto a respeito da diversidade dos dons e sua importância para o todo, mesmo que alguns desses dons parecessem mais importantes que os outros aos olhos

daquele povo. Paulo queria mostrar que ambos têm sua importância, até aquele que é tido como sem importância. É o que ilustra o extrato abaixo:

O corpo não consiste em um só membro, mas em muitos. Se o pé dissesse: “Eu não sou a mão; por isso não sou do corpo”, acaso deixaria ele de ser do corpo? E se a orelha dissesse: “eu não sou olho; por isso, não sou do corpo”, deixaria ela de ser do corpo? Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus dispôs no corpo cada um dos membros como lhe aprouve. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: “Eu não preciso de ti”; nem a cabeça aos pés: “não necessito de vós”. Antes, pelo contrário, os membros do corpo que parecem os mais fracos são os mais necessários. (BÍBLIA, I CORÍNTIOS, 13, 14-22. p. 1476).

Vamos aqui entender esse corpo como o mundo em que vivemos e os membros desse corpo com as pessoas e suas diferenças. O corpo seria, portanto, a sociedade e cada membro, em sua diferença e importância, um membro ou parte deste corpo. Para que a sociedade seja funcional e harmônica, não podemos excluir um ao outro, mas respeitar as suas singularidades, sejam elas de personalidade, temperamento e tantas outras existente.

Aprenderemos a conviver com as singularidades do outro na medida em que formos convivendo com elas, por meio do diálogo e respeitando às diferenças. Não há a possibilidade de todos pensarem do mesmo jeito e agir de maneira única. Com isso, percebemos que nos tornamos humanos diante da nossa capacidade de dialogar e se relacionar com as características pessoais diferentes do outro sem agredi-lo ou menosprezá-lo por sua diferença, mas, sim, respeitando-as. Entraria, então, o princípio moral da humildade que aceita e valoriza a diferença do outro, reconhecendo que ela difere de mim, mas não está, por isso, em menor valor.

É o que Cortella e La Taille (2009) chamam de acolher o outro e não apenas tolerar o outro. Para estes autores acolher o outro é reconhecer e valorizar as suas especificidades e diferenças, e não apenas suportar o que eles manifestam de diferentes.

Entretanto, para que isso aconteça, é necessário também o conhecimento de si mesmo, e de sua importância no meio social, pois,

Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontramos, não é possível formar engenheiros ou pedreiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto

seres históricos, políticos, sociais e culturais, sem uma compreensão apenas técnica não dá. (FREIRE, 2018, p.186).

O ser humano precisa conhecer a sua importância no meio social em que vivemos. Reconhecer que ele tem o direito de intervir nas situações políticas, sociais e culturais. Por meio de uma tomada de consciência de si e do seu papel no mundo em que vivemos, o que só ocorre na sua relação consigo e em relação com o outro.

Por isso, essa humanização também se dá pela empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Geralmente, sempre queremos ser compreendidos, mas temos dificuldade em compreender o outro, e nos colocarmos no lugar do outro diante das situações. Falta ao ser humano essa sensibilidade de pensar e se colocar no lugar do outro antes de falar o que pensa e o que acha. É preciso refletir, como eu me sentiria no lugar do outro se ouvisse determinadas coisas ditas muitas vezes de modo tão cruel e insensível?

Segundo Comte-Sponville,

A virtude ocorre, assim, no cruzamento da hominização (como fato biológico) e da humanização (como exigência cultural); é nossa maneira de ser e de agir humanamente, isto é (já que a humanidade, nesse sentido é um valor), nossa capacidade de agir bem. “Não há nada mais belo e mais legítimo do que o homem agir bem e devidamente”, dizia Montaigne. É a própria virtude. (2009, p.9).

Sendo assim, a empatia é uma virtude! Partindo desse pressuposto, não seria o regaste das virtudes em nossas ações um caminho para nos tornarmos pessoas humanizadas? Com isso dialogamos com Comte-Sponville (2009, p.9) “o bem não é para se contemplar, é para fazer. Assim é a virtude: o esforço para se portar bem, que define o bem nesse próprio esforço”, pois ninguém nasce fazendo o bem, mas aprende a fazê-lo no dia a dia por meio dos esforços para agir de forma justa e honesta mesmo diante das injustiças e violências.

A virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade (no sentido normativo da palavra). (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.8).

O homem humaniza-se através das virtudes e princípios que norteiam sua vida. Dialogamos com Comte-Sponville (2009, p. 11), quando nos diz que,

Toda virtude é um ápice, entre dois vícios, uma cumeada entre dois abismos: assim a coragem, entre covardia e temeridade, a dignidade, entre complacência e egoísmo, ou a doçura, entre cólera e apatia... Mas quem pode viver sempre no ápice? Pensar as virtudes é medir a distância que nos separa delas. Pensar sua excelência é pensar nossas insuficiências ou nossa miséria.

Somos dotados de qualidades e defeitos, e travamos dentro de nós lutas nas quais sempre nos deparamos em fazer o bem ou fazer o mal, agir certo ou agir errado, ser corrupto ou não ser corrupto, agir com justiça ou ser injusto. Travamos esses combates interiores diariamente, e a vivência das virtudes está em reconhecer-se capaz de fazer o bem e o mal. Esse reconhecimento para Comte-Sponville é o conscientizar-se de nossas misérias e insuficiência, humanizando-nos para que possamos escolher, cada vez mais, o que ele nomeia como bem.

Só através do autoconhecimento é que começaremos a construir um processo de humanização. Olharmos para nós mesmo e passarmos a enxergar características e ações que precisam ser repensadas e ressignificadas. E só assim, o nosso modo de agir e ser será diferente.

A moral é como uma polidez da alma, um saber viver de si para consigo (ainda que se trate, sobretudo, do outro), uma etiqueta da vida interior, um código de nossos deveres, um cerimonial do essencial. Inversamente, a polidez é como uma moral do corpo, uma ética do comportamento, um código da vida social, um cerimonial do essencial. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 16).

O ser humano que não consegue viver bem com ele mesmo, consequentemente não conseguira ter um bom convívio com o outro. Desse modo, reconhecemos que humanizar-se é, antes de mais nada, uma forma de construir sobre si representações de valor nas quais a moral esteja presente.

Isso porque, transmitimos aos nossos relacionamentos com os pares e demais pessoas aquilo que trazemos dentro de nós, ou seja, os valores que são centrais a nossa identidade. E ao nos relacionarmos com as pessoas chegamos a achar que só o outro tem defeito, e só ele precisa mudar, quando na verdade, a necessidade de mudança é para ambos, reconhecendo a máxima do coletivo e do valor da diversidade de saberes.

A moral aqui referida está ligada ao fato de que precisamos olhar para o nosso eu, sempre que quisermos apontar os erros e defeitos do outro, problematizando quais são os valores morais necessários ao convívio humanizado. Isso supera, portanto, apenas os

nossos comportamentos, atuando, sobretudo, nos valores que conduzem e marcam nossas formas de ser e estar no mundo.

Com isso, superamos apenas a polidez que é o reflexo exterior daquilo que combatemos dentro de nós, para permanecermos fazendo o bem, mesmo quando aos nossos olhos justiceiros o outro merece de nós o mal. É como Comte-Sponville (2009, p.11) enfatiza que “pensar as virtudes é medir a distância que nos separa delas”. Você pode até sentir-se tentado a fazer o mal, mais lutar e conseguir fazer o bem, num processo de humanização, deve ser nossa busca.

As coisas que é preciso ter aprendido para fazê-las, explicava Aristóteles, “é fazendo que aprendemos”. Como fazê-las, porém, sem as ter aprendido? Há um círculo vicioso aqui, do qual só podemos sair pelo a priori ou pela polidez. Mas o a priori não está a nosso alcance, a polidez sim. “É praticando as ações justas que nos tornaremos justos”, continuava Aristóteles, praticando as ações moderadas que nos tornamos moderados e praticando as ações moderadas que nos tornamos moderados e praticando as ações corajosas que nos tornaremos corajosos. Mas como agir justamente sem ser justo? Como moderação sem ser moderado? Como agir com coragem sem ser corajoso? E como, então, vir a sê-lo? Pelo hábito, parece responder Aristóteles, mas a resposta é evidentemente insuficiente: o hábito supõe a existência antecedente daquilo a que nos habituamos e, portanto não poderia explicá-lo. Kant nos esclarece melhor, ao explicar esse primeiros simulacros da virtude pela disciplina, isto é, por uma coerção externa: o que a criança, por falta de instinto, não pode fazer por si mesma, “é preciso que outros façam por ela”, e é assim que “uma geração educa outra”. Sem dúvida. Ora, o que é essa disciplina na família, senão, antes de tudo, o respeito dos usos e das boas maneiras? Disciplina normativa mais do que coerciva, que visa menos à ordem do que a certa sociabilidade amável – disciplina não de polícia, mas de polidez. É por ela que, imitando as maneiras da virtude, talvez tenhamos uma oportunidade de virmos a ser virtuosos. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 17).

É praticando o bem que nos tornamos pessoas promotoras do bem coletivo, é no exercício de buscar ser aquilo que almejamos ser que seremos. Isso é algo que deve ser ensinando desde a infância às nossas crianças, esse caminho da humanização através da ação na qual chamamos de coerência de vida. E o exemplo seria, para Comte-Sponville um caminho para este ensinamento, permitindo que o outro venha a ser também uma pessoa humanizada. É um ciclo! Se não tivermos pessoas que vivam coerentemente, colocando em prática as virtudes, que geração futura será formada com os exemplos atuais de violências que tanto vemos atualmente?

Entre as responsabilidades que, para mim, o escrever me propõe, para não dizer impõe, há uma que sempre assumo. A de, já vivendo enquanto escrevo a coerência entre o escrevendo-se e o dito, o feito, o fazendo-se, intensificar a necessidade desta coerência ao longo da existência. A coerência não é, porém, imobilizante. Posso no processo de agir-pensar, falar, escrever, mudar de posição. Minha coerência assim, tão necessária quanto antes, se com novos parâmetros. O impossível para mim é a falta de coerência, mesmo reconhecendo a impossibilidade de uma coerência absoluta. No fundo, esta qualidade ou esta virtude, a coerência, demanda de nós a inserção num permanente processo de busca, exige de nós paciência e humildade, virtudes também, no trato com os outros. E às vezes nos achamos, por n razões, carentes dessas virtudes, fundamentais ao exercício da outra, a coerência”. (FREIRE, 2018, p.90).

É necessária a coerência de vida se quisermos construir uma sociedade mais humanizada. De tal modo, para que os valores morais, centrais ao processo de humanização, possam fazer parte da construção identitária dos sujeitos, urge pensarmos nas formas pelas quais estes valores têm circunscrito as formas de ser e conviver na contemporaneidade.

Não há uma resposta definitiva para isso, posto que a vida é um contínuo processo de movimento e mudanças. É um processo de busca que se dará até o fim de nossas vidas. Sempre haverá algo novo a se aprender para se tornar cada vez mais humana e promotora de uma cultura de paz, visto que a convivência com o outro traz, sempre, a necessidade de novas formas de pensar e atuar no mundo.

O homem também se humaniza pela fidelidade. Isso porque este valor moral é, ele mesmo, central a aquisição de variados outros valores. De tal modo,

A fidelidade não é um valor entre outros, uma virtude entre outras: ela é aquilo por que, para que há valores e virtudes. Que seria a justiça sem a fidelidade dos justos? A paz, sem a fidelidade dos pacíficos? A liberdade, sem a fidelidade dos espíritos livres? E que valeria a própria verdade sem a fidelidade dos verídicos? Ela não seria menos verdadeira, decerto, mas seria uma verdade sem valor, da qual nenhuma virtude poderia nascer. (COMTE-SPONVILLE, p. 25-26).

A partir do extrato acima percebemos, portanto, que a fidelidade (ao outro) é a ancoragem do valor moral. Ou seja, através dela que a valorização de determinadas posturas e condutas poderão ser desenvolvidas, construindo o que La Taille (2009) chamou de Personalidade Ética.

Para este autor, agimos de tal maneira por termos determinadas virtudes incorporadas em nossa identidade, de modo que é, justamente, a fidelidade a elas que nos conduz nas relações conosco e com os outros. Respeita-se determinada regra, por exemplo, por se respeitar o valor que sustenta a regra e que, a princípio, está marcado em nós e nos atributos por nós valorados.

Neste sentido, para que pensemos numa educação humanizada urge, também, reconhecermos a justiça como central, posto que é ela que baliza relações de reciprocidade na qual todos sejam tratados e respeitados como sujeitos de valor. De tal modo, a construção do homem humanizado ocorre, também, pela justiça.

Vale ressaltar, então nosso entendimento de justiça, considerando que

“a justiça não existe”, dizia Alain; “a justiça pertence à ordem das coisas que se devem fazer justamente porque não existem”. E acrescentava: “A justiça existirá se a fizermos. Eis o problema humano”. Muito bem – mas que justiça? E como fazê-la, sem saber o que ela é ou deve ser? (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.69).

A justiça é construída na medida em que vivemos a nossa vida pautada nos princípios éticos e morais que valoriza o direito de todos e, ao mesmo tempo, de cada um. Agindo no nosso dia a dia de maneira justa, rompendo com as pequenas corrupções e ambições que nos levam a prejudicar a nós mesmos e ao outro para conseguir o que almejamos. Ao optarmos por agir de maneira injusta estamos contribuindo para uma cultura de guerra, e segundo Araújo (2006, p. 390), “as guerras representam, portanto, o desvirtuamento dos valores morais. São as guerras a personificação da transgressão ética. São a expressão das sociedades voltadas para a competição, que nega a solidariedade e a colaboração” e nega, portanto, a possibilidade de humanização e de construção de uma cultura de paz.

Devemos então renunciar o nosso próprio interesse? Claro que não. Mas devemos submetê-los à justiça, e não o contrário. Senão? Senão, contente-se com ser rico, responde Alain, e não tente ainda por cima ser justo (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.78).

A justiça só é uma virtude que venha torna o ser homem mais humanizado se for pautada na igualdade e equidade. De acordo com Comte-Sponville (2009, p.74) “a justiça só existe e só é um valor, quando há justos para defendê-la”. E essa luta para

defendê-la começa em nós através das pequenas atitudes diárias, agindo pautado na verdade, sinceridade, honestidade, buscando ser empático, se colando no lugar do outro ao se referir ao seu modo de agir direcionado aos pares.

Como dizia Alain, a regra de ouro da justiça: “Em todo contrato e em toda troca ponha-se no lugar do outro, mas com tudo o que você sabe e, supondo-se tão livre das necessidades quanto um homem pode sê-lo, veja se, no lugar dele, você aproveitaria essa troca ou esse contrato”. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 79).

A justiça está entrelaçada, então, a empatia, na busca do bem para si e para o outro. E nessa construção de um ser mais empático e justo que precisamos romper com os paradigmas errados que foram sendo construídos em nome da justiça, quando de maneira figurada usa-se a expressão diante de uma violência “matei em nome da justiça”. Não é justiça, qualquer forma de relacionamento que nega o outro é, nesta perspectiva, uma forma de injustiça, posto que a justiça não se constitui do ato violento, e sim de virtudes morais e éticas que contribui para uma cultura de paz e para o respeito ao princípio da alteridade.

Os meios pelos quais o homem se humaniza são diversos, mas há alguns que precisam ser destacados como essenciais. Nestes trilhos podemos citar a generosidade como um caminho que entrecruza as demais virtudes já citadas. As virtudes e princípios dessa construção do ser humanizado estão interligados umas as outras, não sendo possível humanizar-se, exclusivamente, por uma delas. Justiça e generosidade, por exemplo, dizem respeito as nossas relações com as outras pessoas. (COMTE-SPONVILLE, 2009).

A generosidade é mais subjetiva, mais, singular, mais afetiva, mais espontânea, ao passo que a justiça, mesmo quando aplicada, guarda em si algo mais objetivo, mais universal, mais intelectual ou mais refletido. A generosidade parece dever mais ao coração ou ao temperamento; a justiça, ao espírito ou à razão. Os direitos humanos, por exemplo podem constituir objeto de uma declaração. A generosidade não: trata-se de agir, e não em função de determinado texto, de determinada lei, mas além de qualquer texto, além de qualquer lei, em todo caso humana, e unicamente de acordo com as exigências do amor, da moral ou da solidariedade. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 97-98).

Deste modo, embora variadas virtudes sejam relevantes para o processo de humanização, consideramos a generosidade como central, posto que ela não é imposta

nem racional, mas, sim, sentida. Como diz Comte-Sponville: ser generoso é agir sempre como se amássemos, ou seja, como se fôssemos humanos justamente em nossa relação com as outras pessoas.

A generosidade só será verdadeira se for além do interesse pessoal. Geralmente trazemos em nossas características pessoais o interesse por algo. Algumas vezes fazemos o bem ao próximo com o interesse em recompensas, ou tirar vantagem sobre essa ação, ajudamos o outro com a mentalidade de um dia ter a retribuição desse gesto de volta. E a generosidade está para além dos nossos interesses pessoais e ambiciosos.

A generosidade só é uma virtude tão grande e tão gabada porque é muito fraca em cada um, porque o egoísmo é mais forte sempre, porque a generosidade só brilha, na maioria das vezes, por ausência... “Como o coração do homem é eco e cheio de lixo”, dizia Pascal. Porque, quase sempre, só está cheio de si mesmo. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 103).

Sponville nos leva a pensar, então, que humanizar-se é, sem dúvidas, sair deste excesso de si mesmo para que seja possível mergulhar na relação com o outro reconhecendo-o e valorizando-o. Para tanto, devemos superar o egoísmo que nos conduz a pensar só em nós mesmos, nos nossos interesses, nas nossas vontades, desenvolvendo em nossa identidade uma generosidade que nos liberta de nós mesmos para que possamos olhar um pouco para o outro.

Creio assim que a verdadeira generosidade, que faz um homem se estimar ao mais alto grau que ele pode legitimamente estimar-se, consiste, apenas, parte em ele saber que não há nada que lhe pertença verdadeiramente além dessa livre disposição de suas vontades, nem que ele deva ser elogiado ou censurado, a não ser por usá-la bem ou mal; parte em ele sentir em si uma firme e constante resolução de bem utilizá-la, isto é, nunca carecer de vontade de empreender e executar todas as coisas que julgar serem as melhores. O que é seguir perfeitamente a virtude. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 105).

O reconhecimento de que nada nos pertence verdadeiramente além das nossas próprias vontades, da nossa capacidade de fazer o bem e o mal são os primeiros passos para a vivência verdadeira da generosidade. Os passos seguintes e primordiais para que se constitua verdadeiramente uma virtude em nossas ações é a decisão de fazer o bem por ser o melhor caminho, mesmo se sentindo inclinado a fazer o mal.

É na sua liberdade fazer o bem não motivado pelo sentimentalismo. Pois a generosidade como nos diz Comte-Sponville (2009, p. 110) “depende de fato de nós, só

de nós, pois é livre nesse sentido, pois é – contra a escravidão dos instintos, das posses e dos medos – a própria liberdade, em espírito e em ato!”.

Falar desta liberdade é reconhecer, sim, o sentido filosófico de que jamais somos amplamente livres, posto que nossos valores e representações de si são demarcados das expressões e valores que culturalmente nos circunscrevem. Para isso, precisamos que valores como compaixão, misericórdia, humildade e amor façam parte e nossa formação, a fim de que nosso processo de humanização se sustente nos valores que reconhecem e valorizam o outro e nós mesmos.

Comte-Sponville nos apresenta a compaixão uma das formas de simpatia,

A compaixão é a simpatia na dor ou na tristeza, em outras palavras, é participar do sofrimento do outro. Mais, justamente, se nem todos os sofrimentos se equivalem, se há inclusive maus sofrimentos (como o sofrimento do invejoso diante da felicidade do outro), nem por isso deixam de ser sofrimentos, e todo sofrimento merece compaixão (COMTE-SPONVILLE, p. 117).

O filósofo trás através da compaixão o ato de sensibilizar com o sofrimento do outro, buscando de alguma forma ajuda-lo a sair daquela situação ou torna-la um pouco melhor. Você já deve ter se deparado com fala de pessoas nesse sentido: “é bom que sofra mesmo!” Expressões como essas demonstram que nesse ser não há a virtude da compaixão.

O cenário atual em que vivemos tem expressão um grande ato de desumanização, algumas pessoas tem deixado se levar pelo dito tão popular, “olho por olho, dente por dente”, onde as ações são pagas na mesma moeda, onde o mal é pago com o mal, e a violência com a violência, dessa maneira não iremos muito longe, podemos diante dos pânico e medos começar a nos tornarmos pessoas isoladas, desacreditadas que há ainda há pessoas boas e humanizadas no mundo em que vivemos.

A compaixão vem nos ensinar que ainda há em nós um coração capaz de fazer o bem, de acreditar que o mundo pode vir a ser um lugar melhor, mais essa construção começa no eu, para depois chegar ao coletivo. Precisamos cultivar e preservar as virtudes em nós mesmo diante das injustiças, não podemos nos corromper.

Já nos dizia Comte-Sponville (2009, p. 119), “não somos obrigados a tomar sobre nós as penas dos outros; mas, se pudermos aliviar os outros de suas penas”, o que o filósofo nos apresenta é muito forte, a capacidade de agir com compaixão passa pela

empatia, que como já nos referimos, é a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Não é algo fácil de por em prática, mas é possível.

Um exemplo disto é se vírmos uma pessoa moradora de rua passando fome para alguns não será tão difícil de ir ao encontro dela e lhe dá comida, todavia, diante do fato de um indivíduo vir a tirar a vida de uma pessoa justa, honesta, que buscava viver a vida de modo coerente, logo sentiremos dentro de nós sentimentos contrários a compaixão, pois agir de forma que venha a tirar a vida de outro ser, aos olhos de muito aquele que cometeu o assassinato não merece compaixão.

Entretanto, quando refletimos, o que levou esse ser a se tornar um assassino? Como foi a infância, a adolescência dessa pessoa? Se refletirmos qual o meio que ele viveu desde sua infância até a vida adulta entenderemos que sua ação presente é fruto de sua realidade, e ressalvo que isso não justifica o fato de vir a matar um indivíduo, mas nos ajuda a compreender que aquele que agiu de forma errônea também precisa de compaixão, para que possa vir um dia a se tornar uma pessoa melhor, e isso é possível, pois a humanização é um processo de construção, e todos podem vir a se construir como um ser melhor e mais humanizado.

É neste caminho que adentramos na misericórdia, entendida por Comte-Sponville (2009), como a virtude do perdão. Pois, falar do perdão ao nos referirmos à prática, é algo desafiador para todos os seres humanos.

Perdoar não é esquecer. Então, é o quê? É cessar de odiar, e é essa de fato a definição da misericórdia: ela é a virtude que triunfa sobre o ressentimento, sobre o ódio justificado (pelo que ela vai além da justiça), o rancor o desejo de vingança ou de punição. A virtude que perdoa, pois, não suprindo a falta ou a ofensa, o que não é possível, mas cessando de, como se diz, ter raiva de quem nos ofendeu ou prejudicou (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.131-132).

Há pessoas que entendem o perdão como esquecer, apagar da memória o que aconteceu. Para Comte-Sponville esta é uma forma errônea de entender o que verdadeiramente significa o perdão. Perdoar parte da decisão de não se deixar levar pelo ódio, ressentimento, vingança, assumindo a possibilidade de, reconhecendo o erro, permitir que ele seja reconstruído.

Refletamos... Quando estamos com muita raiva, ódio, olhamos para nós mesmo e algumas vezes quando caímos em si, pensamos “nossa, eu não me reconheço”, faz parte

da natureza humana sentir esses sentimentos, todavia não podemos nos permitir ser conduzidos por ele.

Por isso que a misericórdia existe enquanto valor moral, a fim de ensinar a não deixar o ressentimento triunfar favorecendo formas de desengajamento moral. Por isso, através da misericórdia podemos ser capazes de perdoar aquele/ aquela que veio nos ofender, primeiro porque legitimamos a misericórdia como um valor moral. É como bem nos apresenta o filósofo, “Como poderíamos amar nossos inimigos, ou mesmo suportá-los, sem perdoá-los primeiro? Como o amor poderia resolver um problema que só se coloca por causa da sua ausência? Porque amar nós não sabemos, e amar os maus ainda menos. É por isso mesmo que precisamos tanto de misericórdia” (COMTE-SPONVILLE, p. 134).

Aqui entendemos o quanto a misericórdia nos é necessária, pois muitas das vezes só queremos fazer o bem a quem é bondoso conosco, só queremos amar a quem nos ama, mas que sentido teria as virtudes em nós se não formos além daquilo que fácil e cômodo para nós? A virtude só virá a ser virtude em nós quando nos levar a sermos misericordioso para além das nossas rodas de amigos e familiares, ou seja, aqueles no qual são mais difíceis de serem amados.

Todas as virtudes perderiam seus méritos se não forem alicerçadas na humildade. Sobre isso, nos perguntamos: por que humildade? Comte-Sponville (2009, p.153) nos apresenta a relevância quando nos diz: “não devemos gabar, nem nos orgulhar, de nenhuma virtude, e é isso que a humildade ensina. Ela torna as virtudes discretas, como que despercebidas de si mesmas, quase negadas”.

Vamos entendê-la a partir do sentido figurado, geralmente quando compramos algo, ganhamos alguma coisa, temos o hábito de querer mostrar. É como se quisemos expor aquilo que temos diante daquele que ainda não possui. É praticamente aquela brincadeira de criança, eu tenho e você não tem!

Isso nos leva ao estabelecimento de relações de superioridade, sendo necessário recorrer à humildade, posto que é a virtude que sustenta o reconhecimento de tudo aquilo que não somos e não temos mais que conseguirmos. É assumir a nossa verdade, reconhecendo as nossas limitações, assim como as nossas virtudes - entendendo-as como processo. Isso se torna importante quando reconhecemos que em nosso processo de constituição identitária as virtudes vão se constituindo na lógica da formação em valores, objetivando, com isso, nos tornarmos pessoas melhores.

“A humildade é nisso, talvez, a mais rigorosa das virtudes” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.161). Por ser a virtude que reconhece suas potencialidades, mas também suas limitações. E reconhecendo a sua verdade no que se refere aquilo que em si é bom, assim como aquilo que em si é ruim é que se constrói nos sujeitos a virtude da humildade. É não se colocar na posição de superioridade sobre o outro, como se o outro não pudesse vir a ter, posto que isso seja o contrário da virtude.

E por fim, não por ser a menos importante, mas por ser a que sustenta todas as outras virtudes: a virtude do amor, que podemos considerar como o ápice da humanização. Todas as outras virtudes são fragmentos desse amor, e todos esses fragmentos juntos formam o amor.

E quando nos referirmos à virtude do amor, estamos nos retratando a sua plenitude, para além daquilo que para nós é cômodo, fácil, de se amar.

Se o desejo e a alegria bastassem ao amor, se o amor se bastasse a si mesmo! Mas não é: porque só sabemos amar a nós mesmos ou a nossos próximos, porque nossos desejos são egoístas, quase sempre, enfim porque nos vemos confrontados não apenas com nossos próximos, que amamos, mas com próximo, que não amamos (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 286).

O filósofo, em seu sentido, mas amplo, nos leva a refletir sobre as condições que colocamos para amar, e define isso como desejosos egoístas, pois o amor em sua plenitude está na capacidade de amar para além daquilo que nos é recíproco. Comte-Sponville (2009, p.288-289), nos diz que, “a mesma razão que nos faz amar nossos amigos (o amor que temos por nós mesmo) nos impede de amar nossos inimigos ou mesmo, e por definição os que nos são indiferentes”.

Quem não é generoso com os amigos (com os filhos, etc.) é porque lhe falta amor tanto quanto generosidade. E o mesmo vale para quem fosse covarde, quando se tratasse de defendê-los, ou sem perdão, quando se tratasse de julgá-los. É ter falta de amor tanto quanto ou mais do que de coragem e de misericórdia. Porque a coragem, a misericórdia ou a generosidade valem para qualquer um, amor ou não, mas são tantos mais necessários, como virtudes, e quando falta o amor. Daí o que chamei de máxima da moralidade: age como se amasses. Quando o amor existe, em compensação, as virtudes seguem-se espontaneamente, como se fossem naturais, a ponto de se anularem como virtudes específicas ou especificamente morais (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 286-287).

As virtudes estão interligadas uma a outra. E mesmo quando parecer que não temos amor para agir de forma justa deve-se agir como se houvesse, pois só assim

conseguiremos viver as virtudes e não ser contrários a esses princípios morais. Todavia, quando esse amor existe, ele tem a capacidade de tornar espontâneo aquilo que parece uma luta para ser bom e fazer o bem.

Diante de tudo o que foi exposto sobre as virtudes, partiremos para a compreensão de como uma educação pode ser humanizadora.

4.1 Como uma educação pode ser humanizadora?

A construção de uma educação humanizadora se dá por meio da ruptura de uma educação tradicionalista, conteudista, que segundo os escritos de Freire (2016, p.21-22), é nomeada como concepção bancária,

Como instrumento de opressão. A observação das reações do educador com o educando, na escola ou fora da dela, em qualquer nível, aponta a predominância quase absoluta da narração, das dissertações, com sujeito, o que narra, e seus ouvintes, objetos dessa transmissão de conteúdos. A narração em geral esvazia os depósitos do educador que o educando recebe passivamente. ‘A única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los’. É a educação concebida como doação de quem sabe para quem não sabe.

Dizemos que é necessário haver este rompimento por acreditarmos que uma educação humanizada reconhece o estudante para além de seu desenvolvimento cognitivo, valorizando as variadas dimensões que o compõem como humano: social, afetiva, pessoal, biológica e, sim, também cognitiva.

Compreendendo a urgência de pensarmos a superação da educação bancária no processo de humanização, destacado aqui neste estudo através dos estudos de Freire, concordamos também com Libâneo (2004, p. 52) quando diz que “a escola de hoje não pode limitar-se a passar informação sobre matérias, a transmitir o conhecimento do livro didático”. Pois, nessa relação de transmissão de conteúdo o aluno/professor não tem uma relação de proximidade, de conhecimento de mundo do outro, assim como não há o diálogo para propor a construção de novos conhecimentos por meio da reflexão, questionamento e saberes diferentes. Uma educação bancária não permite, portanto, o processo de humanização.

A educação humanizadora só acontecerá se houver - no âmbito educacional- indivíduos que tragam em suas ações os traços de uma pessoa humanizada, rompendo

com toda a distância que há entre os indivíduos sejam eles: alunos, professores, gestores e funcionários. Para que isso aconteça, é necessária uma gestão democrática, na qual todo tenham vez e voz para o desenvolvimento do ser humano em sua integridade.

Isso porque, conforme já destacado nesta pesquisa, a humanização perpassa pelo diálogo, pelo uso equilibrado das relações de poder, pelo respeito ao outro e seu lugar de fala e, ainda, pela valorização das diferenças. Estes aspectos são, portanto, marcas de uma proposta de gestão que se assuma democrática.

Para isso, é preciso desconstruir os paradigmas de uma estrutura escolar opressora, desumanizada. Libâneo (2004) nos apresenta alguns meios para essa desconstrução quando chama a atenção para toda comunidade escolar,

Para os diretores de escola, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores que, entre tantas dificuldades que aflijam a escola pública, sempre recobram o ânimo, se enchem de energia e de esperança, sabendo que o saber organizar e gerir sua escola, com determinação, energia e diálogo, produz um diferencial visível nas condições concretas pelas quais se pode garantir uma sólida formação de cidadãos, de profissionais, de usuários das mídias, de consumidores, de interlocutores sociais, para uma sociedade que requer cada vez mais sujeitos capazes de lidar com o conhecimento e que precisa ser muito mais inclusiva do que tem sido. (LIBÂNEO, 2004, p. 6).

O referido autor apresenta, ainda, alguns tópicos importantes para a construção dessa educação humanizadora, enfatizando: a determinação, a energia e, assim como Paulo Freire, o diálogo que produz um diferencial na sólida formação dos cidadãos. Não basta apenas incluir os indivíduos nas escolas para que se humanizem. É preciso, ainda, que a qualidade das relações deste espaço escolar proporcionem o desenvolvimento do estudante em sua integridade, superando o agir pedagógico conteudista.

A escola proporcionará aos seus discentes uma educação humanizadora quando os conscientizarem de seu papel no mundo, contribuindo para que eles/elas se tornem seres que saibam se posicionar criticamente e conscientemente a respeito das relações políticas, éticas, culturais, reconhecendo e valorizando a alteridade. Quando o indivíduo reflete sobre a sua importância no mundo juntamente com a importância de outrem, assumindo a posição de protagonista ao invés de submetido às causas e situações que fogem de sua compreensão; ele está se tornando um ser crítico humanizado capaz de se posicionar de forma consciente nas relações sociais e políticas.

É o que Freire (2016, p. 33), apresenta como a prática da liberdade, que “só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha consciência de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”. A conscientização a respeito da sua importância como sujeito é construída na escola, todavia, nem todas as escolas favorecem esta autonomia, mas, somente, as instituições que tenham uma gestão fundamentada numa concepção democrática.

Isso porque através do diálogo entre gestores, funcionários, professores e alunos é possível se reconhecer e valorizar as diferenças, condições fundamentais para conquista da humanização.

O diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os tornam iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por n razões, entre elas porque a diferença entre eles os faz ser como estão sendo. Se fossem iguais, um se converteria no outro. O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz o outro. Nem é favor que faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. (FREIRE, 2018, p.163).

A marca principal de uma educação humanizadora é o reconhecimento dos seus papéis e do respeito às posições ocupadas, sejam elas de gestores, funcionários, professores ou alunos. Além disso, a educação humanizadora reconhece, também, o papel central das identidades, compreendendo e aceitando as diferenças, valorizando-as. Por isso, para humanização constitui-se necessário o cultivo do respeito na relação entre pares e com a autoridade em relações de democratização, constituindo a dimensão ético-política da humanização.

A composição da dimensão ético-política da humanização, à luz de Paulo Freire, expressa na autonomia, dialoga com prática pedagógica docente-discente através do respeito aos saberes da experiência gestos, e linhagem dos/as estudantes na relação com os saberes eruditos, mediados pela materialidade do homem/da mulher e do mundo; exercício da autonomia, atrelado à ética, com vistas à compressão do papel desumanizador da licenciabilidade; escuta sensível do professor como incentivo ao exercício da fala do/a estudante (BRAGA 2012, p.46).

Os conhecimentos prévios que cada indivíduo traz em sua história de vida, não deve ser menosprezado principalmente na escola, mas, sim utilizado na construção do saber, sempre agregando novos conhecimentos, permitindo a construção de novas aprendizagens. É preciso haver essa interação da realidade de cada aluno com o que vai ser trabalhado em sala de aula.

Qualquer tentativa de pôr em prática uma educação que, primeiro, respeitando a compreensão do mundo dos educandos, os desafie a pensar criticamente; segundo que não separe o ensino do conteúdo do ensino do pensar certo, exige a formação permanente dos educadores e educadoras. Sua formação científica, mas, sobretudo, que exige um empenho sério e coerente no sentido da superação das velhas marcas autoritárias, elitistas, que perduram nas pessoas em que elas “habitam”, sempre dispostas a ser reativadas. (FREIRE, 2018, p.231).

Percebemos a partir dos pressupostos Freirianos que para a concretização desse saber necessário a construção humanizada faz-se necessário utilizar o conhecimento prévio do aluno interligado aos conteúdos das aulas. Isso exigirá do professor uma formação permanente, pois vivemos em constantes mudanças e é importante para o professor progressista, como diz Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança*, que esteja em permanente formação. Pois são estes momentos que ajudarão na superação das velhas práticas bancárias, que só transmitem conteúdos, e não conduzem o indivíduo ao seu total desenvolvimento educacional.

Uma educação humanizada está fundamentada na esperança e nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o oprimido como sujeito. Pois ela implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam ao longo da história. E, ao mesmo tempo anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador. (FREIRE, 2018, p. 11).

Segundo Libâneo (2004, p. 38), “as escolas precisam organizar-se para promover a mudança, mas respeitando os significados, os valores, as atitudes e as práticas das pessoas”. Respeito esse que ocorrerá por meio do conhecimento do outro, através da palavra (diálogo), pois, “o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo. A palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das

consciências, também é do reencontro e o reconhecimento de si mesmo”. (FREIRE, 2016, p. 48).

Uma escola que é estruturada numa gestão democrática caminha para uma educação que tem como princípio uma cultura de paz e, conseqüentemente, a humanização, pois

Solidariedade, participação comunitária, companheirismo, protagonismo juvenil e respeito aos direitos humanos são os ingredientes básicos para uma receita de sucesso que contribui na construção de uma cultura de paz e não violência dentro das escolas. (PAIVA, 2003, p.7).

A escola precisa, então, ser um espaço de construção e não de doutrinação, transmissão exclusiva de conteúdos conceituais e sem sentido. É preciso que se proponham ações que conduzam ao conhecimento mútuo entre os pares, construindo situações nas quais os indivíduos venham a resolver os conflitos de forma pacífica, levando em consideração os princípios éticos e morais, fundamentados no respeito às diferenças.

Pois a escola é meio no qual o aluno mais se depara com a diversidade, e a instituição de ensino precisa usar isso para a construção de novos saberes e novas experiências. Através disso será possível conduzir a comunidade escolar a superação dos preconceitos e indiferenças que trazem impregnados as suas identidades.

Uma educação pautada na humanização contribui para uma cultura de paz. Pois,

Chegou o tempo em que temos que mudar a nossa cultura. Ela tornou-se por demais destrutivas, devido à guerra em si mesma e devido à cultura de guerra que é o modelo para a violência que está prejudicando nossos empreendimentos econômicos, comunidades, escolas e famílias. Mais de que em qualquer outro momento da história, as pessoas compreendem que devemos avançar de uma cultura de guerra e violência para uma cultura de paz e não violência. (ADAMS, 2003, p. 13).

Não há uma receita pronta para a construção dessa cultura de paz que venha a combater a cultura da violência. Ela começa com uma tomada de consciência desse meio violento e o que tem o gerado de modo tão crescente. Para que então haja uma tomada de decisão que parte do eu e do coletivo. É algo processual, e requer

planejamento, empenho e dedicação de todos aqueles que querem construir uma cultura de paz.

Trata-se de construir, imersos em uma prática, um novo modo de ver, mais positivo e aberto ao emergente. Em outras palavras: uma atenção especial ao processo, às mudanças em curso a cada passo, prenúncios do vir-a-ser. Ser capaz de um olhar em perspectiva, anunciando uma realização mais plena do ser humano, em todo o seu potencial. (BASTOS, 2003, p. 10).

As pessoas tem demonstrado um olhar negativista para o mundo e para as pessoas, trazendo em suas falas rastro de desesperança em relação às situações às nossas voltas. É preciso buscar olhar de modo mais positivo para tudo a nossa volta e enxergar que mesmo em meio a tantos caos há coisas boas que acontecem e precisam ser valorizadas.

É necessário ter dimensão e conhecimento a respeito das mudanças que tem acontecido tanto no âmbito político, como educacional, estrutural, mas, também, é preciso acreditar na mudança dessas situações que nos parece terrível e sem fim. Conforme, Adams (2003, p.14), “Depende de cada um de nós, em nossos governos, comunidades, organizações não governamentais, escolas e mídia, trabalharmos juntos para criar um novo movimento social que possibilitará a transição para uma cultura de paz e não violência”. É um trabalho que compete extremamente ao coletivo, mas que parte do individual, da tomada de decisão de cada ser humano, para que juntos construamos um mundo melhor, e humanizado.

A espécie humana, a mesma que inventou a violência, é a única que pode estabelecer a paz sobre a Terra. Somos capazes de realizar tanto os atos mais elevados, nobres e altruístas quanto os de maior baixaza, destrutividade e egoísmo. (MILANI e JESUS, 2003, p.17).

Aos nos referirmos como o ser humano - e seu processo de humanização - estamos tratando dessa capacidade que ele tem para fazer o bem (e, também, para fazer o mal). Ainda, para viver a virtude como, também, não a viver. Neste sentido, estabelecer a paz passa por uma tomada de decisão que nos conduz a optarmos pelo bem, mesmo diante dos instintos que podem nos levar a fazer o mal.

Paz e violência são fenômenos exclusivamente humanos. Ocorrências naturais destrutivas não podem ser chamadas de violentas porque a natureza não tem consciência de si mesma, nem faz escolhas. Tampouco os animais podem ser considerados violentos ou pacíficos, já que agem movidos por

instintos e sempre dentro das leis do mundo natural. O contato com a natureza *desperta* sentimentos de paz no ser humano, ou seja, relembra-nos de algo que já trazemos dentro de nós. A paz não emana do pôr-do-sol, do mar ou da floresta, mas ao contemplá-los, vivenciamos a conexão e interdependência entre tudo o que existe (MILANI e JESUS, 2003, p. 17)

A paz já está dentro de nós. Ela emana da harmonia entre o nosso eu interior com o nosso modo de ser exterior interagindo com o meio no qual estamos inseridos. Quando não a sentimos é porque algo em nós ou nas nossas ações ou jeito de viver está fora do lugar.

Aqueles que desejam participar da construção de uma Cultura de Paz precisam pensar e atuar em dois níveis básicos – o *micro* e o *macro*. O primeiro refere-se ao indivíduo: seu comportamento, sua vida familiar e suas relações na comunidade, local de trabalho e círculo de amizades. As possibilidades de ação neste nível são quase infinitas, porque toda pessoa pode fazer algo, por menor e simples que seja como sua parcela de contribuição. Além disso, é preciso atuar também no nível macro, ou seja, repensar os processos sociais, definir estratégias de mudança coletiva, criar políticas públicas, estruturas institucionais e programas educativos e sociais condizentes com os valores da paz. Este nível de atuação exige qualificação e experiência, além da capacidade de articular e integrar esforços dos mais diversos atores sociais. Os níveis *micro* e *macro* são complementares, interdependentes e precisam ser trabalhados simultaneamente (MILANI, 2003, p.32).

O nível micro está relacionado ao “eu”, as posturas pessoais, ações individuais, sejam elas no âmbito familiar, educacional, ambiente de trabalho ou entre amigos. É uma ação na qual ninguém pode fazer no lugar de outrem, e está relacionada às coisas simples do dia-a-dia que precisam ser repensadas e refletidas para que saibamos onde é necessário melhorar como pessoa para contribuir na construção dessa cultura de paz.

O nível macro está relacionado ao coletivo, àquilo que podemos fazer juntos para contribuir para essa mudança, e é nesse aspecto que entra a coerência entre aquilo que dizemos e fazemos. Por isso partimos do micro, que é o “eu”, pois a mudança tem que acontecer, primeiramente, no indivíduo para depois chegarmos ao coletivo.

E não basta só o coletivo querer construir uma educação para a paz. É necessário conhecimento, experiências e qualificação, pois é algo que precisa ser planejado, estruturado para que se obtenham os resultados necessários. É como Milani (2003, p.36) nos exemplifica a respeito da cultura de paz, que, “deve ser compreendida em seu

contexto mais amplo, de modo a se reconhecer que está diretamente relacionada à justiça e ao equilíbrio nas relações entre nações, entre classes econômicas e entre seres humanos e meio-ambiente”.

No que se refere à escola, a abordagem da Cultura de Paz ressalta diversas necessidades e estratégias: uma relação educador-educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono do modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e trabalho conjunto (MILANI, 2003, p. 39).

Essa relação educador/educando já citada no decorrer do texto, é essencial para a educação para paz, pois tudo parte do princípio do diálogo, ele abre as portas para todas as outras possibilidades que possa contribuir para a construção de um mundo mais humanizado, rompendo as agressões verbais que existe por falta de respeito ao que é diferente.

As escolas precisam resgatar os valores morais e éticos que são necessários à vida humana, trabalhando isso juntamente aquilo que é proposto pelas próprias disciplinas que fazem parte do currículo escolar. É um trabalho interdisciplinar que requer o empenho e participação dos alunos, contribuição do professor a partir da ruptura de paradigmas que não contribuem para uma educação humanizada, assim como promover situações nas quais os alunos venham a resolvê-las de forma pacífica.

Ao entrar na escola, a criança leva consigo um conjunto único de características pessoais, experiências de vida, capacidades já desenvolvidas e potencialidades. Aquelas crianças cujo ambiente familiar é marcado pela violência entre os pais ou contra elas ‘tendem a ser agressivas e a ter comportamentos antissociais fora de casa, principalmente na escola’ (MILANI, 2003, p.43).

É a escola o lugar no qual essas marcas de violência serão descoberta e as situações poderão ser reconstruídas através da dialética entre o professor e aluno, assim como a contribuição de toda a comunidade escolar para que o aluno seja capaz de ressignificar experiência vivida em casa sem reproduzir essa violência em sua vida.

Se a escola deseja buscar alternativas para lidar com o fenômeno da violência, cabe a ela criar oportunidades para que os alunos problematizem a questão, analisem seus diversos aspectos, discutam suas opiniões e se mobilizem para criar um ambiente de paz (MILANI, 2003, p.50).

A escola precisa criar estratégias na quais as situações violentas sejam debatidas pelos alunos, para que assim eles a reconheçam em toda a sua dimensão, para que gere uma conscientização na qual eles percebam que é necessária a mudança, de postura e de comportamentos que venham a causar violência, tanto no âmbito escolar como fora dela.

A escola pode fazer algo que é assustador em algo problematizador para que os discentes usem da reflexão, diálogo e criticidade para propor soluções para as violências que adentram às salas de aulas e à instituição escolar.

As melhores vacinas para a violência dentro da escola são uma boa relação educador-educando, baseada em afeto, diálogo e respeito mútuo, normas de convívio resultantes de discussão e consenso entre todos integrantes da comunidade escolar, justiça e imparcialidade por parte da direção no trato com alunos e professores, participação máxima dos pais, envolvimento com a comunidade, e um ambiente de valorização, alegria e flexibilidade. Isso demora mais e dá mais trabalho de que as medidas repressivas, mas só assim a escola cumprirá a sua missão (MILANI, p. 51).

O ambiente escolar é, muitas das vezes, opressor. Os docentes gritam com os seus discentes, e cultivam uma cultura de silêncio no qual os alunos não podem falar, opinar, se levantar das cadeiras. Essa forma de relação precisa ser desconstruída para que se construam relações saudáveis, na qual os alunos tenham vez e voz e essa postura de que só o professor é quem fala seja rompida. O educador humanizado precisa semear em sua relação com os estudantes o diálogo, afeto, empatia, de modo que tais características façam parte das convivências diárias escolares.

Enquanto a escola permanecer acusando os pais, estes culpando a mídia, esta condenando o governo, e este amaldiçoando o crime organizado, estaremos perdendo preciosas oportunidades de semear a paz nas mentes e corações de crianças e adolescentes. Nunca é demais lembrar que a missão da escola é educar para a vida e formar cidadãos, e que sua realização só é possível na medida em que forem criados espaços, oportunidades, projetos e atividades através dos quais os alunos aprendam a dialogar, a respeitar o outro, a negociar conflitos, a conviver com as diferenças, a trabalhar em grupo, a controlar os impulsos agressivos, dentre outras habilidades sociais (MILANI, p.52).

É importante na busca dessa construção de uma educação para paz não ficar buscando culpados, mas assumir a nossa parte da responsabilidade nessa cultura de violência que começa nas pequenas coisas diárias, reverberando até nas maiores situações que a vida nos apresenta. É missão da escola educar para além dos conteúdos programáticos. É necessário educar para a vida, para a diversidade, respeito, diálogo e interação com todos a nossa volta sem discriminação e preconceito.

A comunidade escolar precisa, então, enxergar todas as situações que adentram a escola como meios para propor novas aprendizagens. “Uma educação para a paz passa a ser aquela que permite às pessoas descobrirem as estruturas violentas e as prepara para a ação transformadora”. (RABBANI, 2003, p. 73).

Educar *para* a paz só é possível, então, com uma educação *em* paz. O conteúdo que trabalha uma educação para paz deveria ser produzido a partir da participação de todos os envolvidos no processo educacional. Só assim ela poderia educar para uma ação para a paz. Educar *em* paz é estabelecer relações de diálogo que favoreçam o intercâmbio de reflexões e uma prática dirigida, assim, à satisfação das necessidades e interesses de educadores e educandos (RABBANI, 2003, p.75).

Educar para a paz, no âmbito educacional, está relacionado ao trabalho em conjunto entre gestores, professores, alunos, funcionários, família e toda a comunidade escolar, estabelecendo diálogo, reflexão e ação que contribuam para construção de um ser mais evoluído em sua totalidade e integridade.

Todo ser em integridade precisa dos valores para ser humano, pois faz parte da construção da identidade de cada um de nós. Você já deve ter ouvido a expressão no sentido figurado “essa pessoa é um monstro” diante de um ato de violência que ele/ela cometeu, seja assassinato, estupro, agressão. De modo geral as pessoas usam essas expressões diante de algo violento para mostrar que aquela pessoa que cometeu algo tão chocante que faz os indivíduos a sua volta olhar para ele/ela como alguém que não tem em si, as características de uma pessoa humanizada.

São os valores que nos colocam na condição de se relacionar com as pessoas e as querer perto de nós, pois tem coisas boas a nos oferecer e ensinar. Ninguém quer estar perto de pessoas insensíveis, violentas, pois a enxergam como pessoas más e perigosas. Diante disto, entendemos que são os valores em sua integridade que nos coloca em condição de viver a nossa vocação em sermos humanizados como Freire sempre enfatiza

5. JESUS É UM EXEMPLO DE UM EDUCADOR HUMANIZADO?

Nas Sagradas Escrituras Jesus é muitas vezes chamado por mestre, e sabemos que o título de mestre é dado àqueles que passaram por uma qualificação acadêmica. Jesus era tido para muitas pessoas como alguém que ensina em função do de falar e explicar as escrituras, de modo que deixavam uma boa parte da população admirada. Além disso, os escritos da bíblia também evidenciam que ele possuía ampla capacidade de compreensão e comunicação com toda a diversidade de pessoas que iam ao seu encontro.

No evangelho de Marcos no capítulo 3, versículos 7-8 ele descreve que Jesus retirou-se com os seus discípulos para o mar, e seguia-o uma grande multidão, vinda da Galileia. E da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, do além-Jordão e de todos os arredores de Tiro e de Sidônia veio a ele uma grande multidão, ao ouvir o que ele fazia.

No Evangelho de Lucas no seu capítulo 2 versículos de 47-48 descrevem que “todos os que o ouviam estavam maravilhados da sabedoria de suas respostas. Quando eles o viram ficaram admirados”. Esses versículos são extratos de um contexto no qual apresenta Jesus aos 12 anos de idade pregando no templo entre os doutores da lei a respeito das sagradas escrituras (Bíblia). Desde a infância a pessoa de Jesus demonstrava ampla capacidade de comunicação.

Comunicação essa que é uma característica fundamental na construção de uma pessoa humanizada. Pois é por meio do diálogo que o ser humano se constrói como pessoa, é buscando se relacionar com os pares, conhecendo-os, trocando experiências que crescemos não somente em conhecimento, mas, sim, como pessoa. E essa deve ser uma característica principal do educador que possui na natureza de seu trabalho uma atividade política (FREIRE, 2016).

Muitas pessoas iam de encontro à pessoa de Jesus não somente pelo fato dos milagres que ele realizava, mas também por causa de seu modo de falar com os outros de maneira dialógica. Era uma linguagem que o povo entendia, pois expressava clareza, e em suas falas havia uma relação com a realidade daquelas pessoas.

A parábola do semeador exemplifica bem, o que acabamos de descrever,

Havia se reunido uma grande multidão: com pessoas vindas de várias cidades para junto dele. Ele lhes disse esta parábola: Saiu o semeador a semear a sua semente. E, ao semear parte da semente caiu a beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram. Outro caiu no pedregulho; e tendo nascido, secou,

por falta de umidade. Outra caiu entre os espinhos, cresceram, com ela os espinhos, e sufocaram-na. Outra, porém, caiu em terra boa; tendo crescido, produziu fruto cem por um. Dito isso, Jesus acrescentou alteando a voz: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (BÍBLIA, LUCAS, 8, 4-8, p. 1357).

Na parábola percebemos que o contexto utilizado para ensinar aquelas pessoas foi o da sementeira, tendo em vista que aquele determinado povo conhecia bem sobre semear, e isso ajudaria na compreensão deles a respeito daquilo que Jesus queria lhes ensinar. Não seria isso, o que tanto Freire enfatiza, em *Pedagogia do Oprimido*? O fato dos professores/professoras levarem em consideração a realidade de seus alunos como um instrumento que venha a contribuir na aprendizagem? Sim. Freire destaca a importância da valorização de todas as formas de saberes, destacando, inclusive, a importância de saberes diferentes (FREIRE, 2016).

Além disso, a parábola fala a respeito de onde as sementes foram caindo, na beira do caminho, entre espinhos, entre pedras e na terra boa. E eu lhes pergunto, onde têm caído os ensinamentos transmitidos aos alunos nas escolas? Tem caído à beira do caminho? Quando o aluno está em sala de aula e parece que tudo o que está sendo ensinado ali, não faz o menor sentido para ele/ela. Ou tem caído entre os espinhos? Onde os alunos até entendem inicialmente o que o professor tem ensinado, todavia, não produz efeito em sua vida, pois não tem elo a sua realidade?

Ainda há os que caíram entre as pedras, no qual o conhecimento chega até a construir um sentido na vida do estudante, porém a falta de estímulo para que continue a estudar faz com que se perca o interesse de continuar buscando o conhecimento. Por fim, a terra boa, na qual o conhecimento é construído a partir dos conhecimentos prévios dos alunos/alunas ganhando sentido para além da sala de aula.

Na medida em que falamos, explicitamos sobre os tipos de terrenos relacionados aos alunos, mas também, deixamos claro a respeito dos tipos de educadores que fazem parte de nossas escolas. É preciso que o educador seja estratégico. A pessoa de Jesus foi estratégica ao utilizar da realidade daquela multidão para lhes ensinar de forma clara e explícita.

Gera-se nos educandos uma ilusão de que a escola não contribui para algo em suas vidas (Isso no sentido de que eles questionam os docentes a respeito de determinados assuntos, com aquele velho dito “o que esse conteúdo contribuirá para a minha vida?”), por não haver um elo, do que é ensinado na sala de aula com a realidade. A instituição escolar deve formar cidadãos que saibam se posicionar de forma

consciente em nossa sociedade, sabendo fazer uso do que se aprendeu na escola em suas realidades diárias.

Eis um dos primeiros exemplos de Jesus para nós, o saber se relacionar com o outro levando em consideração a realidade de vida das pessoas sem descriminá-las. Diante disto, iremos ver no decorrer de todo o texto descrições de versículos da Bíblia no qual será analisada essa conduta de Jesus, para irmos identificando se em suas ações e em suas relações há práticas humanizadora.

Além do respeito ao saber alheio e da superação da opressão, os textos do evangelho também evidenciam Jesus como uma pessoa cujas ações e posturas demonstram empatia.

Dirigiu-se Jesus para o monte das Oliveiras. Ao romper da manhã, voltou ao templo e todo o povo veio a ele. Assentou-se e começou a ensinar. Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: “Mestre, agora mesmo está mulher foi apanhada em adultério. Moisés mandou-nos na Lei que apedrejassem tais mulheres. Que dizes tu sobre isso?”. Perguntavam-lhe isso, a fim de pô-lo a prova e poderem acusá-lo. Jesus, porém, se inclinou para frente e escrevia com o dedo na terra. Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”. Inclinando-se novamente, escrevia na terra. A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles foram se retirando um por um até o último, a começar pelos mais idosos, de sorte que Jesus ficou sozinho, com a mulher diante dele. Então, perguntou-lhe: “Mulher, onde estão os que te acusam? Ninguém te condenou?”. Respondeu ela: “Ninguém Senhor”. Disse-lhe então Jesus: “Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar”. (BÍBLIA, JOÃO, 8, 1-11. p. 1394).

Se observarmos detalhadamente os Evangelhos a pessoa de Jesus estava sempre a ensinar, e a vida é exatamente isso, um constante aprender, uns com outros. Diante desta cena, os escribas e fariseus, eram as pessoas de mais poder daquela época e sempre buscavam ocasiões para testar a conduta de Jesus, e foi perante a isso que trouxeram a mulher adúltera, pois naquela época as mulheres que fossem pegas em adultério teriam que ser apedrejadas.

Queriam saber qual seria a conduta de Jesus, se ele iria contra a lei (lei de Moisés) ou não. E percebemos que entre a fala dos que os questionam e sua fala houve um tempo, que consideramos como um pequeno silêncio. Seguidamente Jesus os responde, e sua resposta estava envolta de sabedoria, pois colocou todos em par de igualdades

com a mulher, os fazendo refletir que eles também tinham pecados, embora não fosse o mesmo que o desta mulher.

Quando pensamos em processos de humanização a empatia se constitui como um dos valores mais relevantes, sendo destacada como centra por Comte-Sponville. Isso porque, ser empático significa ser capaz de se colocar no lugar do outro, favorecendo a homonização dos sujeitos centrados em si, para conquista da humanização que insere nos relacionamentos o valor de si e de outrem.

Diante disto, todos foram saindo aos poucos, a começar pelos mais velhos. E sabem por que, começou pelos mais velhos? Porque eram os que tinham mais pecados! Por fim, só ficou Jesus e a mulher, e ele a pergunta se ninguém havia lhe condenado, e ela responde que não. E Jesus a permite ir, e a diz, vai e não tornes a pecar. Ou seja, Mais uma vez Jesus assume uma postura educadora quando chama a mulher a pensar no que aprendeu com a experiência e a necessidade de modificação de postura.

Aqui Jesus a diz vai e não tornes a pecar não no sentido de querer mandar na vida dela, mas com a intenção de devolver aquilo que queriam tirar dela, a capacidade de viver. Viver de uma maneira nova; a pessoa de Jesus queria mostrar para aquela mulher que ela é mais do que aquilo que a denominavam, que ela era mais do que uma adúltera, mas, sim, um sujeito dotado de competências e possibilidade de aprender.

Na escola, igualmente, o educador precisa enxergar os erros dos estudantes como oportunidades para que eles aprendam a se relacionar melhor e evoluir rumo às novas formas de ser e estar no mundo. É preciso entender o que leva a pessoa a errar, compreendendo as hipóteses que sustentam os comportamentos equivocados. A pessoa de Jesus poderia ter dito “pode apedreja-la” já que está na lei. Mas ele mostrou para os fariseus e escribas uma nova maneira de enxergar aquela mulher a partir de sua própria humanização.

Ao agir desta maneira Jesus atua sendo generoso e não somente justo. Comte-Sponville (2009) destaca, a respeito destas duas virtudes, que a generosidade é mais relevante que a justiça. Isso porque, ao ser generoso, o sujeito age unicamente de acordo com a exigência do amor, contrariando, inclusive, as leis que negam a vida e as relações com os outros. Era justo para aquela comunidade apedrejá-la do ponto de vista legal. Entretanto, negando a vida, isso não ocorre do ponto de vista moral.

Como educadores precisamos olhar para os nossos discentes assim, superando o olhar que julga os maus comportamentos, ou as ações que demonstram vandalismo, violência, só assim é que conseguiremos ajudá-los. Quando olhamos para os

alunos/alunas com um olhar de discriminação, de desprezo e indiferença as nossas ações para com eles demonstrarão isso, e assim não conseguiremos ajudá-los.

Como docentes não podemos fechar os olhos para as realidades de salas de aula e fingir que nada está acontecendo, é preciso intervir de modo que contribua para uma cultura de paz. Jesus não tomou um partido dentro dessa situação, mas ele agiu com justiça moral e generosidade, buscando o bem tanto para aquela mulher como para aqueles que a trouxeram para ser julgada, posto que favoreceu a reflexão para todos os envolvidos.

A pessoa de Jesus não deu para aquele povo uma resposta pronta, mas lhes permitiu refletir e resolver a situação de forma pacífica, o que é um elemento central de uma educação pautada numa cultura de paz (CP).

Com Jesus tudo era diferente. De qualquer modo ele sempre enxergava algo de bom e apreciável nos homens. Mesmo lidando com um fariseu empavonado e cheio de justiça própria, com um coletor ladino e sem escrúpulos, ou com uma decaída, Jesus sempre apelava para aquilo que de bom ainda houvesse no íntimo deles, e trazia à tona alguma de suas boas qualidades. E assim tratava Jesus não só aqueles que viviam chafurdados no pecado, mas também os que apenas se mostravam imaturos e inexperientes. Parece-nos mesmo que o mestre se especializou em empenhar aqui e ali pessoas indesejáveis e desprezíveis para fazer delas caracteres esplêndidos e extraordinários, como fez com os onze (PRICE, 1980, p.47).

Como educadores, precisamos despertar o que há de melhor dentro de cada aluno/aluna. E isso é processo que exigirá de nós paciência, no decorrer deste procedimento para que possamos ver os resultados. É preciso ser persistente, pois muitos de nossos educandos não têm em suas vidas pessoas que acreditem em suas potencialidades, que muitas vezes estão escondidas por trás de um comportamento imaturo e agressivo.

Entretanto, cabe refletir: como os docentes conseguirão evoluir em suas aprendizagem e modificarem seus processos de humanização submetidos a um processo educacional educação bancária? Dificilmente isso seria possível, pois, como destacou Freire (2018), a superação da condição de violento requer, também, a compreensão da existência da violência. Isso não ocorre em relacionamentos nos quais não haja diálogo e crítica, Justo por isso, Jesus sempre estava entre as pessoas, conhecia o que estava acontecendo naquele meio social, demonstrava se importar com a necessidade de todos aqueles que encontravam.

Ademais, a pessoa de Jesus atraía multidão, pela sua coerência de vida. E diante das contrariedades, permanecia fiel aos princípios que norteavam a sua vida. Ele era difamado, mas não difamava ninguém, era perseguido, mas não perseguia, falavam mal dele através de calúnias, mas ele não agia da mesma maneira que eles. Que desafiador isso é para nós.

Embora seja desafiador, Freire nos chama a atenção de que é fundamental para o processo de humanização e construção de uma cultura de paz, posto que para que sejamos humanizados precisamos exercitar uma coerência de discurso e ação que vá, paulatinamente, “diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos”. (FREIRE, 2018, p.111).

Quando somos caluniados sentimos em nós sentimentos de raiva, ódio, e logo queremos agir de maneira para provar o contrário do que foi dito. Comte-Sponville (2009), no Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, nos mostra que sempre estaremos nesse conflito interior entre o bem e o mal dentro de nós. Jesus diante de tudo o que falavam sobre ele, permaneceu fiel aos seus princípios, pois sabia quem ele era e exercitava sua humanização estabelecendo uma coerência entre discurso e prática.

É desafiador, vivermos de forma justa e honesta, diante das realidades injustas e violência em que vivemos. Todavia nos é necessário, para que essa cultura de violência venha a ser diminuída e a humanização praticada.

Devemos mostrar aos nossos alunos que não devemos fazer justiça com violência diante das situações problemas que cada indivíduo traz às escolas, sejam elas, situações, familiares ou situações de violência dentro da própria instituição. A pessoa de Jesus vivenciou uma situação de injustiça, todavia o seu posicionamento não foi injusto, ele não deixou se corromper pela maldade a sua volta.

Depois dessas palavras, Jesus saiu com os seus discípulos para além da torrente de Cedron, onde havia um jardim, no qual entrou com os seus discípulos. Judas, o traidor, conhecia também aquele lugar, porque Jesus ia frequentemente para lá com os seus discípulos. Tomou então Judas a corte e os guardas de serviço dos Pontífice e dos fariseus, e chegaram ali com lanternas, tochas e armas. Como Jesus soubesse tudo o que havia de lhe acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: “A quem buscais?” Responderam: “A Jesus de Nazaré”. - “Sou eu” - disse-lhes. (Também Judas, o traidor, estava com eles.) Quando lhes disse “Sou eu”, recuaram e caíram por terra. Perguntou-lhes ele, pela segunda vez: A quem buscai?” Disseram: “A Jesus de Nazaré” Replicou Jesus: “Já vos disse que sou eu. Se é, pois, a mim que buscai, deixai ir estes”. Assim se cumpriu a palavra que disse: Dos que me destes não perdi nenhum. Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela e feriu o servo do sumo sacerdote, decaptando-lhes a orelha direita. (O servo

chamava-se Malco). Mas Jesus disse a Pedro: “Enfia a tua espada na bainha!” (BÍBLIA, JOÃO, 18, 1-11. p. 1408.)

Os respectivos versículos estão relacionados a todo o processo que conduzirá a morte de Jesus. Ressalvo isso para nortear o contexto no qual estão inseridas as citações. Judas era um dos discípulos de Jesus, o que o traiu, e o relato apresenta como se deu essa traição. A pessoa de Jesus, mesmo diante de um ato injusto, agiu de forma pacífica, e orientou Simão Pedro, também seu discípulo, a agir da mesma maneira, ensinando que agir de modo violento não é o caminho para que venha a se resolver uma situação.

Ou seja, Jesus fez o que Freire (2018) nos chama atenção: ele não separou o ensino do conteúdo do ensino do pensar certo, favorecendo a ele, enquanto educador; e a Paulo, enquanto educando, ampliação nos processos de humanização.

As escolas são espaços de formação cidadã, o que inclui também a dimensão humana da educação. Por isso, elas não podem ser espaços exclusivamente de formação técnica, compreendendo uma dimensão que é tripla: humana, técnica e político-social. Por isso, as instituições educacionais precisam estar preparadas, ou pelo menos buscar se preparar, para situações que são apresentadas diariamente, em busca de resolvê-las de modo que venha a ensinar os educandos a lidar com as situações desafiadoras de maneira pacífica.

Precisamos ensinar em nossas escolas a importância das virtudes, que vem a nos tornar cada vez mais pessoas humanizadas. Se observamos os relacionamentos a nossa volta estão pautados muitas vezes, nas magoas, ressentimentos, falta de perdão e desamor.

Precisamos resgatar em nas nossas vidas aquilo que há de melhor em nós e no outro, e a virtude que faz esse rasgaste é a misericórdia, entendida por Comte-Sponville (2009) como o perdão. E sabemos que o ato de perdoar não é fácil. Todavia nos é necessário. Somos seres dotados de qualidades e defeitos, diante disto precisaremos do perdão do outro, assim como do perdão para nós mesmo.

O perdoar a si mesmo está pautado no fato de que, muitas vezes chegamos a fazer algo que nos arrependemos de ter feito. E isso gera em nós um sentimento ruim para conosco mesmo, por isso precisamos vir a nos perdoar, pois precisamos entender que nem sempre iremos acertar na vida. Mais sempre teremos a oportunidade de recomeçar.

Então, Pedro se aproximou dele e disse: “Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes? Respondeu Jesus: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (BÍBLIA, MATEUS, 18, 21-22).

O modo que Pedro se expressa, demonstra o ato de problematizar a respeito de um assunto, neste caso o perdão. É como se Pedro tivesse em mente que perdoar é algo que podemos quantificar, e a pessoa de Jesus usa do conhecimento matemático para apresentar a Pedro que não há como quantificar o perdão. E quando diz, setenta vezes sete não quis dizer que ele tinha que perdoar quatrocentos e noventa vezes, e só! Mas queria levá-lo a refletir que não há como medir o perdão.

Ele precisará ser dado até o fim de nossas vidas. E se a família e a escola não trabalhar a importância desse perdão tanto em casa como na escola, onde as crianças e adolescentes irão aprender o valor dessa virtude? Comte-Sponville (2009), em seu livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, nos explica que a misericórdia entendida como o perdão, não faz com que esqueçamos o que aconteceu e sim, entendermos que o perdão é o ato de não permitir que os sentimentos de ódio, ressentimento triunfe na nossa vida.

Como a escola tem a missão de educar para a vida, e não somente para um fim profissional, os valores que norteiam as nossas vidas precisam estar presentes nas instituições, contribuindo para formação dos discentes de forma que contribua para a sua integridade.

E dentro dessa construção a virtude da humildade é essencial, virtude essa que está um pouco ofuscada em nosso dia a dia, podemos assim dizer. Temos vivido em nossa contemporaneidade a cultura do “ter” do “querer”, essa busca de ter algo que lançou, essa busca de querer aquilo que o outro tem, estamos diante de uma cultura consumista, que conduz ao querer sempre estar acima do outro, ser melhor que o outro. Diante destas realidades, onde fica a humildade?

Até os discípulos de Jesus se deixaram levar por essa cultura de querer ser o maior,

Em seguida voltaram para Cafarnaum. Quando já estava em casa, Jesus perguntou-lhes: ‘De que faláveis pelo caminho?’ Mas calaram-se, porque pelo caminho haviam discutido entre si qual deles seria o maior. Sentando-se, chamou os doze e disse-lhes: ‘se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos, e o servo de todos’ (BÍBLIA, MARCOS, 9,33-35).

Na virtude da humildade o ser é tão consciente de quem ele é de suas capacidades, do seu valor, e do que se tem que não precisa ficar provando isso para as pessoas. Jesus busca ensinar isso aos seus discípulos. Mostrando-lhes que de nada valeria as suas potencialidades, se não colocasse a serviço dos outros.

Do que adiantaria um docente ter tantas formações, se ele só guardasse isso para si mesmo? Se o sentido do “ter” é partilhar. Para que crescamos juntos, partilhando dos diversos saberes. E eu vos pergunto como poderíamos trabalhar na sala de aula essa virtude da humildade?

Acredito-me, que rompendo com as competições em sala de aula de quem é o melhor, de quem sabe mais ou quem tira as notas mais altas. E trabalhando com os discentes a valorização da potencialidade do outro. Sem que isso o faça se sentir mal, ou diminuído diante de algo positivo que o outro trás em suas ações. Buscando trabalhar também a proximidade, ao invés dos distanciamentos que os educandos mesmo criam por enxergar no outro uma ameaça para si.

A pessoa de Jesus demonstrava ter paciência com seus discípulos ao ensinar aquilo que para eles eram necessário. Buscava lhes ensinar primeiro as coisas essenciais, primordiais para poder chegar aonde almejava. Entendendo que ensinar esses princípios era importante para vir a sustentar todos os outros ensinamentos, só assim os discípulos não iriam se envaidecer com tudo que iriam construir de conhecimento junto a Jesus.

Jesus também nos ensina sobre a virtude da compaixão,

Jesus partiu dali e retirou-se para os arredores de Tiro e Sidônia. E eis que uma cananeia, originária daquela terra, gritava: ‘Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio’. Jesus não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos vieram a ele e lhe disseram com insistência: ‘Despede-a, ela nos persegue com seus gritos’. Jesus respondeu-lhes: ‘Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel’. Mas aquela mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: ‘Senhor, ajuda-me!’. Jesus respondeu-lhe: ‘Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos’. ‘Certamente, Senhor, replicou-lhe ela; mas os cachorrinhos ao menos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos...’ Disse-lhe, então, Jesus: ‘Ó mulher, grande é tua fé! Seja-te feito como desejas’. E na mesma hora sua filha ficou curada (BÍBLIA, MATEUS, 15, 21-28).

Para entendermos esse contexto da citação, é preciso que entendamos que naqueles tempos, nem todos os povos acreditavam naquilo que Jesus podia fazer, muitos eram tidos como pagãos por não conhecerem Jesus e nem acreditar nele. A

mulher que foi de encontro a Jesus, fazia parte desse povo, todavia ela acreditava que a pessoa de Jesus poderia fazer algo para ajudar a filha dela.

Jesus a questiona, dizendo para quem ele havia vindo a esse mundo, para aqueles que acreditavam nele e se perdeu, como se essa fosse sua prioridade, por isso toda parte do contexto referente a “jogar aos cachorrinhos o pão de seus filhos”. Todavia, a mulher foi tão insistente, no seu modo de argumentar que conseguiu aquilo que se almejava.

A virtude da compaixão nos é necessário, pois nos ajudará a sermos flexíveis diante de situações que os discentes trazem a escola. Um exemplo disso, é quando em um dia de prova, o aluno não pode ir, e em alguns casos o professor/professora não age com compaixão, com empatia, buscando junto uma solução para essa situação apresentada.

As virtudes elas nos sensibiliza diante das situações, nos humaniza. Por isso nos é tão necessária. Já imaginou se vivêssemos no mundo onde ninguém se entendesse? Onde não houve empatia? Seria um caos.

Jesus de maneira simples ensina aos seus discípulos sobre a importância desses princípios morais, como um norteador para vida deles.

Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem. Desde modo sereis os filhos de vosso pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isso também os pagãos? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito (BÍBLIA, MATEUS, 5, 43-48).

Na citação, Jesus ensina sobre o ato de amar, corroborando com o Comte-Sponville fala sobre o amor. Amar para além do egoísmo. Quando fazemos isso estamos colocando em prática a virtude no seu amplo sentido. Seremos reconhecidos como pessoas que amam pessoas humanizadas na medida em que os princípios morais e éticos forem colocados em prática com aqueles que amamos e aqueles no qual não são íntimos a nós e muitas vezes até indiferentes.

Jesus nos ensina de maneira simplória aquele velho dito popular “fazer o bem, sem olhar, pra quem”, é nisto que consiste a humanização, e ao chegarmos a esse nível, chegaremos à plenitude do ato de amar.

A pessoa de Jesus quando escolheu os seus discípulos não escolheu os melhores daquela época, escolheu os ditos piores: os mais complicados, problemáticos, eram homens, egoístas, individualistas, imaturos, impulsivos, ignorantes, cheios de preconceito. E talvez você se questione o porquê dele escolher as pessoas com essas características? E eu lhes respondo com aquilo que Freire tanto nos diz que a educação muda às pessoas e as pessoas mudam o mundo.

Com o seu jeito de ensinar Jesus, quis nos mostrar não somente aos seus discípulos, mas também a todos que os ouvia pregar e ensinar que não mudaremos nada a nossa volta se não mudarmos primeiramente a nós mesmos.

Jesus proporcionou àqueles discípulos a oportunidade de aprender para além daquelas realidades que eles estavam inseridos, mostrando-lhes a vida e tudo a volta deles com um novo sentido e significado, e isso fez com que os discípulos percebessem que precisariam mudar algumas coisas em si, e não porque Jesus lhe impusesse isso, até porque ele não impôs. Mas por quererem ser pessoas melhores para si e para os outros, buscavam trabalhar em si aquilo que os impedia.

É evidente que Jesus olhou para longe ao escolher seus auxiliares. Olhando lá da altitude divina, pôde ver neles aquilo que eles e seus companheiros não podiam enxergar. Olhava suas possibilidades futuras, e não meramente suas presentes qualificações (PRICE, 1980, p. 39).

Uma pessoa humanizada é aquela que acredita na capacidade das pessoas de vir a mudar seus comportamentos e ações que a prejudica, assim como, prejudica o outro. Não temos o direito de determinar o futuro das pessoas só porque a ação presente delas não condiz com aquilo que acreditamos que deveriam ser as suas ações.

Jesus como exemplo de um educador humanizado, tinha como princípio no seu método de ensinar as pessoas, mostrar para cada uma delas, a importância de saber lidar com as diversas pessoas e suas personalidades, assim como, tratar o outro com amor, através do ato de saber ouvir e não julgar suas realidades, nem suas diferenças, mas junto a elas buscar as soluções para as situações apresentadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar se a pessoa de Jesus como um exemplo de uma pessoa humanizada. Para isso, partimos do pressuposto de entendermos o conceito de humanização no primeiro capítulo. Seguidamente, abordamos o processo de humanização, reforçando como nos constituímos como seres humanos. Posteriormente, fomos discorrendo a respeito do papel da educação para paz nos processos de enfrentamento da violência, evidenciando como uma educação pode ser humanizadora. Por fim, analisamos extratos dos evangelhos da Bíblia, identificando Jesus como um exemplo de pessoa humanizada.

Falar de humanização é voltarmos o olhar para os princípios éticos e morais que norteiam a vida humana. Diante do cenário atual em que vivemos, no qual os noticiários diariamente nos apresentam acontecimentos violentos, enfatizar não só com palavras, mas com ação a humanização e resgatar esse ser mais humanizado tanto nas escolas, como no nosso relacionamento diário com os pares é essencial para a construção e uma cultura de paz que possa favorecer a superação da violência.

Pois, o ser humano que não consegue viver bem com ele mesmo, conseqüentemente não conseguira ter um bom convívio com o outro. Desse modo, reconhecemos que humanizar-se é, antes de mais nada, uma forma de construir sobre si representações de valor nas quais a moral esteja presente.

Já nos dizia Comte-Sponville (2009, p. 119), “não somos obrigados a tomar sobre nós as penas dos outros; mas, se pudermos aliviar os outros de suas penas”, o que o filósofo nos apresenta é muito forte, a capacidade de agir com compaixão passa pela empatia, que como já nos referimos, é a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Não é algo fácil de por em prática, mas é possível.

Diante do que foi discutida, a cultura de violência não se ameniza com violência, mas, sim, com uma cultura de paz e para a paz que se sustente em valores e ocorra via diálogo. Essa cultura pacífica está fundamentada na humanização, mas também numa tomada de decisão pessoal (que parte do eu) e do coletivo (todo). Não somente isso precisa-se está baseada em um plano de ação, bem elaborado e norteado, para que assim se efetue em sua integridade.

Por isso, falar de uma educação humanizada nas escolas é buscar junto a toda a comunidade escolar, problematizar as situações que adentram a instituição e resolvê-las de forma educativa e pacífica. Quando criamos espaços para que os nossos discentes

possa aprender a respeito dos valores éticos e morais estaremos educando-os para a paz. Com isso, estaremos formando cidadãos humanizados rompendo com o ciclo da cultura violenta.

Pois, como a escola tem a missão de educar para a vida, e não somente para um fim profissional, os valores que norteiam as nossas vidas precisam estar presentes nas instituições, contribuindo para a formação dos discentes de forma que contribua para a sua integridade.

Transformando as pessoas através desse processo de humanização, estaremos transformando o mundo. Por isso, Freire em seus escritos já nos diz, “que a educação muda às pessoas, e as pessoas mudam o mundo”. O processo humanizador, se dá até o fim de nossas vidas, e a construção desse ser humanizado é processo lento que requer de nós decisão e determinação.

O âmbito educacional precisa de pessoas humanizadas, que saibam se relacionar com os alunos de modo que vá além dos conteúdos programáticos e monótonos. É preciso que a gestão, professores funcionários, alunos e familiares trabalhem juntos, e assim contribuam para construção do ser humano como pessoa que convive com o diferente e as diferenças sem preconceito e com respeito.

Uma vez que, uma pessoa humanizada é aquela que acredita na capacidade das pessoas de vir a mudar seus comportamentos e ações que a prejudica, assim como, prejudica o outro. Não temos o direito de determinar o futuro das pessoas só porque a ação presente delas não condiz com aquilo que acreditamos que deveriam ser as suas ações.

Os objetivos desse trabalho foram alcançados, e ao analisarmos os extratos dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João podemos identificar a pessoa de Jesus como um exemplo de um educador humanizado, pois em sua vida pública teve o ato de amar como princípio norteador de sua vida, mesmo quando as pessoas no seu modo de agir merecessem o contrário. Ele não se permitia se corromper, não se permitia deixar se levar pelos mesmos impulsos que os outros. Respeitava a si mesmo buscando ser fiel aquilo que ele acreditava e defendia e, simultaneamente, respeitava o outro.

Ensinava aos seus discípulos e a todos que iam a seu encontro os caminhos para se tornarem pessoas mais humanizadas. A pessoa de Jesus acreditava nas potencialidades das pessoas, por, mas que de imediato não fossem notórias. Ele acreditava na capacidade de cada uma delas de se reconstruir como pessoa.

Jesus como exemplo de humanizador nos ensina como deve ser a postura de um professor/professora diante das realidades que são lhes apresentada diariamente no âmbito educacional, mostrando que o ato de saber dialogar com as realidades diferentes é primordial para encontrar as soluções dos problemas.

O educador precisa ser desprendido dos preconceitos, e indiferença para com as situações apresentadas por seus alunos, assim como as realidades comportamental de cada um deles em sala de aula, olhando além de seu comportamento atual, acreditando naquilo que melhor se tem nos educandos.

Neste caminho que vai se constituindo a virtude do amor, que é o ápice da humanização como destaca Sponville. Para alcançarmos requer muita dedicação, pois é um exercício cotidiano de vida. É uma ação de nobreza, podemos dizer, pois é não deixar se corromper mesmo quando as situações a nossa volta nos levam achar que deveríamos fazer o que não concordamos. É o ato de amar aquele que segundo os nossos conceitos não merece o nosso amor, nossa dedicação.

Esse estudo bibliográfico pode vir a ser uma proposta para uma pesquisa de campo, no sentido de no âmbito educacional fazendo uma pesquisa com a comunidade escolar sobre Jesus como um exemplo de educador humanizado, para obter dados que nos leve a relacionar o que aqui nos foi apresentado e que será exposto pelos integrantes das instituições de ensino.

7. REFERÊNCIA

ADAMS, David. **Apresentação**. In: MILANI, Feizi; JESUS, Rita. Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.

ARAÚJO, Ana Paula Freire. Educação para a paz Segundo Paulo. **Revista Educação**, vol. XXIX núm. 2, maio-agosto, 2006, pp. 387-393. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Brasil.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. – 70º ed. Lda. 1977.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **Prefácio**. In: MILANI, Feizi; JESUS, Rita. Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.

BÍBLIA, N.T. I Coríntios. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave. Maria**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1476.

BÍBLIA. **Parábola do semeador**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: Editora Ave Maria. p. 1357.

_____. **A mulher adúltera**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1395.

_____. **Jesus aos doze anos**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1349.

_____. **A paixão e ressurreição de Jesus: prisão**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1408.

_____. **Perdão dos pecados**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p.1306.

_____. **Atitudes de discípulos**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1333-1334.

_____. **Fé manifestada por uma pagã**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1303.

_____. **Jesus e a lei**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p. 1289.

_____. **Multidão de seguidores**. Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p.1324-1325.

_____. **Saudações finais.** Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p.1511.

_____. **Vocação de Mateus: esperança para os pobres.** Tradução Ave Maria. 208º ed. São Paulo: editora Ave-Maria. p.1293

BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho. **Prática pedagógica docente-discente e humanização:** contribuição de Paulo Freire para a escola pública. 244p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2012. p 1-73.

BOND, Michael. How Good People, Usually Men, do Bad Things: Culture and Coletive Violence. **RBSE**, Paraíba, v. 9, Abril, p.142-219, 2010.

CERQUEIRA, Daniel (org.). **Atlas da Violência 2018.** Disponível em < http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=33410&Itemid=432 >. Acesso em: 15. Jul. 2019. p. 93.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes** / André Comte-Sponville; tradução de Eduardo Brandão. – 2º. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 392 p.

CORTELLA, Mário; LA TAILLE, Yves. **Nos Labirintos da Moral.** Campinas: Papirus, 2009.

DEBARBIEUX, Éric. “**Violência nas Escolas**”: Divergências sobre Palavras e um Desafio Político. In: DEBARBIEUX, É e BLAYA, C. **Violência nas Escolas e Políticas Públicas.** Brasília, UNESCO, 2002

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Prefacio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. – 24º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. 333 p.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do oprimido** / Paulo Freire – 60º ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 284 p.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à Pesquisa Científica.** 5º ed. São Paulo: Alínea, 2011.

LA TAILLE, Yves. **Formação Ética.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5º ed. Revista e ampliada – Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MILANI, Feizi. **Cultura de paz x violências: papel e desafios da escola.** In: MILANI, Feizi; JESUS, Rita. **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas.** Salvador: Inpaz, 2003.

MILANI, Feizi; JESUS, Rita. **Introdução**. In: MILANI, Feizi; JESUS, Rita. Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.

PAIVA, Denise. **Preâmbulo**. In: MILANI, Feizi; JESUS, Rita. Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.

PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por experiência**. Tradução do Rev. Waldemar W. Wey – 3ª edição. Rio de Janeiro – RJ – JUERP – 1980. 105p.

RABBANI, Martha Jalali. **Educação para a paz: desenvolvimento histórico, objetivos e metodologias**. In: MILANI, Feizi; JESUS, Rita. Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.